



Escola de Ciências Sociais
Departamento de Pedagogia e Educação

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA PARA A
ESPECIALIDADE DO GRAU DE MESTRE EM ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 3º
CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO REALIZADA NA
ESCOLA SECUNDÁRIA / 3 RAINHA SANTA ISABEL - ESTREMOZ

Jorge Humberto Anselmo Cachapa

Orientador: Professor Doutor Leonardo Charréu

Évora 2013

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA PARA A
ESPECIALIDADE DO GRAU DE MESTRE EM ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 3º
CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO REALIZADA NA
ESCOLA SECUNDÁRIA / 3 RAINHA SANTA ISABEL - ESTREMOZ

Jorge Humberto Anselmo Cachapa

Orientador da Universidade: Professor Doutor Leonardo Charréu
Professor Cooperante da Escola: Professor Domingos Isabelinho

Évora 2013

Agradecimentos

Este trabalho representa uma meta importante para o meu percurso de vida, contudo, devo reconhecer que a concretização do mesmo não se deve só ao meu empenho. Por esta razão, pretendo agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidos na elaboração do mesmo.

No âmbito da PES agradeço ao Docente Orientador da Universidade de Évora, Professor Doutor Leonardo Charréu, pelo apoio constante, a preocupação e a sua disponibilidade ao longo de todo o percurso de elaboração deste trabalho e à Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz que me acolheu.

O meu eterno agradecimento à minha mulher, ao meu filho e à minha mãe, pois sem eles nada disto teria sido possível.

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Secundário

Resumo

Elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, o presente relatório pretende dar a conhecer os aspetos inerentes à prática desenvolvida no ano letivo de 2010-2011, na Escola Secundária / 3 Rainha Santa Isabel de Estremoz, foi Orientador Cooperante o Professor Domingos Isabelinho. Toda a prática foi orientada e supervisionada pelo Professor Doutor Leonardo Charréu. Deste Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada fizeram ainda parte os mestrandos Carlos Salomé e Carlos Centeno. O relatório compreende cinco capítulos: Preparação Científica, Pedagógica e Didática; Planificação e Condução de Aulas, Impacto e Avaliação das Aprendizagens; Análise da Prática de Ensino; Participação na Escola e Desenvolvimento Profissional.

Report of the Supervised Teaching Practice to achieve the master's Degree in Teaching of the Visual Arts at the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education

Abstract

This Report was prepared to achieve the Master Degree in Teaching of the Visual Arts at the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education, and it is focused in the teaching practice developed during the academic year 2010/2011, at the Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz. The cooperating teacher was Domingos Isabelinho. All that practice was guided and supervised by Professor Leonardo Charréu. The master students Carlos Salomé and Carlos Centeno were also integrated in this Supervised Teaching Practice Group. The report includes five chapters: Scientific, Educational and Teaching Preparation; Planning and Conducting Lessons, Impact and Learning Evaluation; Teaching Analysis; Participation in School Activities and Professional Development.

Índice Geral

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Índice Geral.....	vi
Lista de Abreviaturas.....	vii
Introdução.....	8
1.Conhecimento do Contexto: Preparação científica, pedagógica e didática.....	10
1.1.Conhecimento da instituição escolar.....	10
1.2.Conhecimento dos alunos.....	13
1.3.Conhecimento do(s) currículo(s).....	16
1.3.1.Currículo Nacional do Curso Científico-humanísticos de Artes Visuais – Geometria Descritiva A.....	17
1.3.2.Currículo Nacional do Ensino Básico – Educação Visual.....	20
1.4.Conhecimento do(s) conteúdo(s).....	23
1.4.1.Conhecimento dos conteúdos do programa de Geometria Descritiva A.....	24
1.4.2.Conhecimento dos conteúdos do programa de Educação Visual.....	28
2.Planificação e condução de aulas, impacto e avaliação das aprendizagens.....	31
2.1.Perspetiva educativa e métodos de ensino.....	31
2.2.Preparação das aulas.....	33
2.3.Uma unidade de trabalho significativa como exemplo da prática desenvolvida.....	35
2.4.Condução das aulas.....	37
2.5.Impacto sobre os alunos e avaliação das suas aprendizagens.....	39
3.Análise da prática de ensino.....	40
4.Participação na escola.....	41
5.Desenvolvimento profissional.....	43
Conclusões.....	46
Referências bibliográficas.....	48
Anexos.....	50

Lista de Abreviaturas mais utilizadas

EFA – Educação e Formação de Adultos

ESRSI – Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz

EV – Educação Visual

GDA – Geometria Descritiva A

MEAVBS – Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

PCT – Projeto Curricular de Turma

PES – Prática de Ensino Supervisionada

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

O presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada foi realizado no âmbito da Unidade Curricular PES – Prática de Ensino Supervisionada, sendo este o documento final que, após apresentação pública, antecede a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

O relatório consiste na descrição das atividades desenvolvidas numa escola, numa turma com a orientação de um(a) professor(a) cooperante e docente da disciplina, no âmbito da cadeira de Iniciação à Prática Profissional, englobando a fundamentação teórica que se determina na prática letiva.

As atividades desenvolvidas deram resposta ao ponto 4 do artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 43/2007, de 22 de Fevereiro, no qual se refere o seguinte: as atividades a desenvolver no âmbito da PES proporcionam aos/às estudantes experiências de planificação, ensino e avaliação, de acordo com as competências e funções cometidas ao docente, dentro e fora da sala de aula, e promovem uma atitude crítica e reflexiva em relação aos desafios, processos e desempenhos do quotidiano profissional.

O presente relatório está organizado de acordo com a Estrutura de Relatório da PES (Proposta para o MEAVBS 2010-2011), apresentando todas as áreas de incidência dessa estrutura de relatório: Conhecimento do Contexto: Preparação Científica, Pedagógica e Didática; Planificação e Condução de Aulas, Impacto e Avaliação das Aprendizagens; Participação na Escola; Desenvolvimento Profissional e Conclusões.

No âmbito da PES o trabalho foi desenvolvido na escola cooperante, Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz, nomeadamente no 10º ano do Ensino Secundário, turma A do segundo turno, na disciplina de Geometria Descritiva A e no 7º ano do ensino básico, turma A, B e C, quarto turno, na disciplina de Educação Visual. Este ano de escolaridade encontra-se integrado no projeto TurmaMais. A PES teve início no 1º período a 30 de Setembro de 2010 e no segundo período a 6 de Janeiro de 2011. Do núcleo de estágio faziam parte mais dois colegas de curso: Carlos Centeno e Carlos Salomé.

A Prática de Ensino Supervisionada foi coordenada pelo professor Dr. Leonardo Charréu e orientada pelo professor Domingos Isabelinho e teve a colaboração da professora Lisete Parreira, professora das turmas de 7º ano de escolaridade. Para o bom desenvolvimento deste relatório, houve todo um trabalho de pesquisa que me ajudou nas justificações e fundamentações teóricas de cada tema abordado. O estágio realizado teve dois momentos diferenciados; num primeiro momento deu-se o contacto com a escola e os alunos, para que fosse possível fazer-se uma observação e análise do funcionamento escolar bem como das suas infraestruturas. Posteriormente fizeram-se reuniões entre todos os participantes, professor orientador da escola e alunos estagiários, que precederam ao início da prática de ensino e atividades letivas.

1. Conhecimento do Contexto: Preparação científica, pedagógica e didática

1.1. Conhecimento da instituição escolar

A minha PES decorreu na Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz. Para um bom desenvolvimento da prática pedagógica, houve a necessidade de haver um conhecimento geral da instituição onde a mesma se desenvolveu. Esse conhecimento pressupõe a adequação do processo de ensino-aprendizagem às características da própria instituição e da comunidade onde esta se encontra inserida. A Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz é uma instituição do Ministério da Educação, integrada na Direção Regional de Educação do Alentejo, herdeira das antigas escolas: Escola de Artes e Ofícios; Escola Industrial António Augusto Gonçalves; Escola Industrial e Comercial de Estremoz. Presta um serviço público à comunidade da região e fica situada na rua Professor Egas Moniz, em Estremoz, no centro da cidade. Para melhor conhecermos a instituição, de seguida faço uma contextualização histórica da mesma. Estes dados aqui tratados foram retirados do Projeto Educativo da Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz (2008-2011). Segundo este *“A Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel de Estremoz (ESRSI) é uma Escola de Serviço Público e localiza-se num dos principais eixos de ligação da área metropolitana de Lisboa a Madrid e à Europa, sendo sede de um concelho com uma área aproximada de 513,8 km².*

A elevação deste estabelecimento deu-se no ano de 1930, à categoria de Escola Industrial, sendo-lhe atribuída a designação oficial de Escola Industrial António Augusto Gonçalves.

(...) No ano de 1962 deu-se a conclusão das obras de um novo edifício escolar. Dois anos depois, mais precisamente no dia treze de Abril durante o mandato do Diretor Peres Claro, e graças a muitas diligências suas, é inaugurado o edifício atual, construído de raiz para o efeito.

(...) Entre 1974 e 1975, a escola volta a mudar de designação passando a ser conhecida por Escola Secundária de Estremoz, à qual é anexada neste ano a Secção Liceal de Estremoz do Liceu Nacional de Évora (o qual funcionava desde o ano letivo de 1971/72).

(...) No dia dois de Abril de 1987 sai a Portaria que define a nova designação da Escola Secundária Rainha Santa Isabel e dois anos depois entra em vigor o novo modelo de gestão, que obrigou à reformulação de alguns órgãos intermédios de gestão.

A Gestão Flexível do Currículo é implementada, no sétimo ano de escolaridade, no ano letivo de 2000/2001. A nossa escola torna-se, assim, a primeira escola Secundária da Direção Regional de Educação do Alentejo com esta nova modalidade curricular.

A implementação do projeto TurmaMais aconteceu no ano letivo de 2002/2003. Este projeto tinha como objetivo reduzir o insucesso o que sucedeu logo no primeiro ano com o sétimo ano de escolaridade. O insucesso foi reduzido de 38% para 16%. No ano letivo 2010/11, este projeto foi implementado em sessenta e seis escolas do país, projetando desta forma o nome da Escola Secundária Rainha Santa Isabel.

(...) No ano letivo de 2007/08 iniciou-se o Contrato de Autonomia celebrado com o Ministério de Educação.

Foi uma das várias escolas secundárias a sofrer um processo de requalificação e remodelação através da empresa Parque Escolar, o que se verificou entre Julho de 2009 e Dezembro de 2010.” (pp4-5)

Neste ano letivo (2010/2011) a escola é frequentada por 826 alunos, distribuídos pelos ensinos diurno e noturno. O ensino diurno é frequentado por alunos do 3º ciclo do ensino básico, alunos do ensino secundário dos cursos Científico, Humanísticos e Cursos Profissionais. O ensino noturno é frequentado por alunos dos cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA). O quadro abaixo apresenta a distribuição dos alunos dos ensinos diurnos e noturno por curso e ano de escolaridade desde o ano 2008 até ao ano 2011.

Alunos Matriculados	2008/2009	2009/2010	2010/2011
	Nº alunos	Nº alunos	Nº alunos
3º ciclo (ER)	219	234	239
3º ciclo (CEF)	26	10	0
Sec (ER)	401	431	445
Sec (CEF)	13	0	0
Sec (EP)	135	119	79
EFA – B3	23	7	-
EFA – NS	72	69	63

PE 2008-2011

Quanto ao corpo docente da escola, podemos dizer que é estável, uma vez que, dos 125 professores, 101 pertencem ao quadro de nomeação definitiva da escola. No quadro seguinte é apresentada a distribuição do corpo docente no ano letivo de 2010/2011, tendo em conta a situação profissional, o escalão etário e o sexo.

Categoria Profissional	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Professores de Quadro de Escola – Nomeação Definitiva	60 64,5% 75,0%	33 35,5% 73,3%	93 100,0% 74,4%
Professores de Quadro de Escola – Nomeação Provisória	0 ,0% ,0%	1 100,0% 2,2%	1 100,0% ,8%
Professores de Quadro de Zona Pedagógica – Nomeação Definitiva	3 50,0% 3,8%	3 50,0% 6,7%	6 100,0% 4,8%
Professores de Quadro de Zona Pedagógica – Nomeação Provisória	0 ,0% ,0%	1 100,0% 2,2%	1 100,0% ,8%
Professores Contratados	17 70,8% 21,3%	7 29,2% 15,6%	24 100,0% 19,2%
Total	80 64,0% 100,0%	45 36,0% 100,0%	125 100,0% 100,0%

PE 2008-2011

Para além do pessoal docente acima descrito, nesta escola prestam serviço duas técnicas superiores, com funções na área dos Serviços de Psicologia e Orientação Profissional, doze assistentes técnicas e trinta assistentes operacionais.

Como anteriormente tínhamos visto, a Escola Rainha Santa Isabel foi uma das escolas secundárias a sofrer um processo de requalificação e remodelação através da empresa Parque Escolar (entre julho de 2009 e dezembro de 2010). Requalificação e remodelação que contempla as novas infraestruturas, nomeadamente Gestão Escolar, das quais fazem parte a Direção, Serviços de Administração Escolar, Gabinete de Avaliação e Estatística, Secretaria, Serviço de psicologia e Orientação, Gabinete de Apoio ao aluno, Associação de estudantes, Portaria, Receção e Serviços de Apoio, tais como Bar/Refeitório/Sala de Convívio, Biblioteca, Papelaria/Reprografia. Quanto às salas, a escola possui Sala de Atendimento aos Encarregados de Educação, Sala de Professores, Sala de Pessoal não Docente, Sala de

Diretores de Turma, salas de Artes, Salas de TIC, Sala de Teatro, Salas de Oficinas, Salas de Clubes e Projetos, Salas de Departamento/Subdepartamentos, Laboratórios de Física/Química e Biologia, Laboratório de Viticultura. Para além destas salas, beneficia ainda de um Ginásio, Campo de Jogos exteriores, um Polidesportivo coberto e um Auditório Principal.

Estas novas instalações são agradáveis não só pelo seu espaço físico mas também por todas as condições que apresentam, quer a nível de materiais, quer de recursos didáticos, que permitem à escola outras oportunidades, já que uma das razões apontadas para a não realização de algumas propostas estava relacionada com a inexistência/insuficiência de recursos.

1.2. Conhecimento dos alunos

Para uma correta prática pedagógica, o conhecimento dos alunos é muito importante. Num primeiro momento, esse conhecimento pode-se construir através de um diagnóstico que poderá ser feito recorrendo-se a instrumentos de registo próprios e elaborados pelo docente individualmente, enquadrando esse diagnóstico no âmbito da sua disciplina. O conhecimento dos alunos também é feito através do PCT que é elaborado pelo diretor de turma. O PCT tem como principal objetivo adequar o currículo definido para a escola ao contexto de cada turma, operacionalizando as estratégias educativas mais adequadas às características de cada turma, de modo a dar resposta às especificidades de cada aluno. Este conhecimento estende-se ao longo da prática letiva e é influenciado por vários fatores, tendo sempre como meta o sucesso educativo dos alunos, no qual se incluem aquelas aprendizagens escolares que os preparam para enfrentar os desafios da vida.

No âmbito da PES, fiquei responsável pelo 2º turno da turma F do 10º ano de escolaridade, na disciplina de Geometria Descritiva A e pelo 4º turno da TurmaMais do 7º ano de escolaridade, na disciplina de Educação Visual.

A turma de 10º ano de escolaridade era inicialmente composta por vinte e nove alunos mas, dois deles, um rapaz e uma rapariga, anularam a matrícula no início do ano letivo. No decorrer do 1º período, um aluno do Curso Científico

Humanísticos de Ciências e Tecnologias integrou a turma na disciplina de GDA, passando a mesma a ser composta por vinte e oito alunos de idades compreendidas entre os quinze e os dezasseis anos. A maioria dos alunos reside em Estremoz e uma pequena parte é oriunda de vilas e aldeias do concelho, são todos de nacionalidade portuguesa, exceto um que é de nacionalidade brasileira. Relativamente ao fator socioeconómico e cultural pode-se dizer que, aparentemente, a turma é homogénea.

Devido a ser uma turma de décimo ano reunia alunos que vinham de outras turmas. Assim, devido à sua extensão, a turma foi dividida em dois turnos 1º e 2º, à segunda-feira, na disciplina de GDA. O restante horário semanal da disciplina funcionava com todos os elementos da turma. De entre este dois turnos, foi-me atribuído o segundo turno da turma F, o qual era composto por quinze alunos, nove do sexo feminino e seis do sexo masculino.

Este turno foi-se perdendo ao longo do período, uma vez que o bom comportamento que apresentava inicialmente deu lugar a alguma falta de concentração/atenção, que conseqüentemente se revelou nos resultados dos alunos. Como estratégia para minimizar esta desatenção, e de acordo com a minha experiência profissional, nas minhas aulas supervisionadas reorganizei a disposição inicial dos alunos, para que eles estivessem todos virados para o quadro. Esta estratégia mostrou-se válida uma vez que consegui prender a atenção dos alunos para os objetivos a alcançar em cada aula. O aproveitamento deste turno teve resultados positivos, mas dentro do mediano, havendo grande discrepância de notas. Esta diferença de notas pode acontecer, talvez, devido às características da disciplina. Na Geometria Descritiva não pode haver lacunas na sua aprendizagem inicial, pois é uma disciplina onde existem ligações progressivas de umas matérias para as outras, que, se se perdem, levam ao desinteresse e desmotivação pela disciplina e conseqüentemente ao insucesso. A relação estabelecida foi sempre afável e positiva e dei sempre espaço para os alunos exporem as suas ideias. No final do período houve dois alunos que anularam a disciplina, dos quais um com nota positiva.

O Projeto “TurmaMais” foi iniciado na Escola Secundária de 3º Ciclo, Rainha Santa Isabel de Estremoz, no sentido de melhorar o desempenho escolar dos alunos do 7º ano de escolaridade. Este projeto surgiu a partir das

necessidades sentidas pelos professores em combater o elevado índice de insucesso escolar registado anteriormente, caracteriza-se pela promoção de técnicas de aprendizagem específicas para determinado grupo de alunos com as mesmas características.

A turma do 7º ano de escolaridade, 4º turno da TurmaMais, é constituída por quatro alunos do 7º A, quatro alunos do 7º B e sete alunos do 7º C. Todos os alunos pertencem ao mesmo ano de escolaridade, no entanto, encontram-se agrupados consoante o seu nível de aprendizagem, durante um certo período de tempo. É uma turma sem alunos fixos (temporária), por onde passam todos os alunos da turma de origem, evitando assim que haja uma certa estigmatização, que agrupa elementos com características iguais, ou seja, que têm o mesmo nível e características comuns. Cada grupo de alunos, durante o tempo em que integra o projeto TurmaMais, continuará a trabalhar com os seus professores os conteúdos programados da sua turma de origem, permitindo, assim, que não percam os conteúdos de aprendizagens, e com a vantagem de dar uma maior atenção aos alunos, respondendo à tipologia do grupo que frequenta a TurmaMais. Pretende-se com este projeto melhorar o desempenho escolar dos alunos. Este objetivo é tão válido para os alunos com várias dificuldades, como para os alunos com um elevado rendimento escolar e com os quais, normalmente, os docentes pouco podem/conseguem avançar quando integrados em turmas heterogéneas. Assim, nos alunos com altas expectativas deviam-se manter as expectativas elevadas e nos alunos com baixas expectativas procurava-se criar umas expectativas mais positivas. A TurmaMais é projeto onde é possível apoiar os alunos com dificuldades de forma a terem melhores resultados escolares e aprenderem mais coisas, uma vez que, estes alunos, aqui, têm maiores hipóteses de serem ajudados pelos professores, pois trata-se de organizar turmas mais pequenas e de dar hipóteses aos alunos com melhores níveis de desempenho de avançarem ao seu ritmo atingindo patamares de excelência. Desta forma, consegue-se contribuir consideravelmente para a redução dos níveis de insucesso.

Os alunos pertencentes a este turno da TurmaMais são provenientes, maioritariamente, do Concelho de Estremoz, sendo que alguns são provenientes das freguesias urbanas e outros das freguesias rurais.

O desempenho dos alunos que integraram o último grupo da TurmaMais considerou-se satisfatório. Os alunos revelaram maior desempenho nas atividades propostas, apesar de continuarem a demonstrar algumas dificuldades de concentração e no cumprimento de algumas tarefas propostas.

1.3. Conhecimento do(s) currículo(s)

O currículo é um instrumento de trabalho do profissional de educação como tal é importante debruçarmo-nos um pouco sobre este conceito. Currículo é uma palavra oriunda do latim *currere*, que significa caminho ou jornada, percurso a seguir, sequência ordenada de experiências de aprendizagem. Pacheco (2001) apresenta vários significados subjacentes ao termo currículo, chamando a atenção para que a noção de currículo é uma noção vaga, usada muitas vezes de forma imprecisa ou restritiva. O autor sistematiza três ideias-chave subjacentes à noção de currículo: de um propósito educativo planejado no tempo e no espaço em função de finalidades; de um processo de ensino-aprendizagem, com referência a conteúdos e a atividades; de um contexto específico o da escola ou organização formativa.

Assim, ao se considerar o currículo como algo contextualizado numa determinada sociedade, não nos podemos esquecer da sua carga de valores, tanto sociais, como culturais e historicamente situados, bem como a sua ligação aos contextos em que se encaixam e das pessoas que neles intervêm, não esquecendo que um contexto inclui subsistemas de várias ordens: política, social, administrativa, educativa...

Tendo em conta todos estes aspetos, o autor conclui: *“o currículo, apesar das diferentes perspetivas e dos diversos dualismos, define-se como um projeto, cujo processo de construção e desenvolvimento é interativo, que implica unidade, continuidade e interdependência entre o que se decide ao nível do plano normativo, ou oficial, e ao nível do plano real, ou do processo de ensino-aprendizagem. Mais ainda, o currículo é uma prática pedagógica que resulta da interação e confluência de várias estruturas (políticas, administrativas, económicas culturais, sociais, escolares...) na base das quais existem interesses concretos e responsabilidades compartilhadas.”* (Pacheco, 2001, pág.20)

O currículo implica, assim, a contribuição de vários agentes, alunos, professores e a escola. O professor é o principal fomentador do desenvolvimento do currículo, é aquele que investiga com o fim de estudar o seu trabalho, com a ajuda de outros, com o objetivo de resolver problemas com que se debate. Para um bom desempenho da prática pedagógica é necessário conhecer e analisar, na sua generalidade, o Currículo Nacional do Ensino Básico e, no meu caso, aquilo que diz respeito à Geometria Descritiva A e à Educação Visual.

Como anteriormente já havia referido, a Prática de Ensino Supervisionada aqui referida aconteceu em dois ciclos de ensino distintos: no terceiro ciclo do Ensino Básico com uma turma de 7º ano, à qual foi lecionada a disciplina de Educação Visual e no secundário, com uma de 10º ano, na disciplina de Geometria Descritiva A. Em seguida, passo a contextualizar as referidas disciplinas nos currículos destes níveis de ensino.

1.3.1 Currículo Nacional do Curso Científico-Humanísticos de Artes Visuais – Geometria Descritiva A

A Geometria Descritiva surgiu no século XVIII e é um ramo da Matemática que tem como objetivo representar no plano as figuras do espaço, ou seja, representar objetos de três dimensões num plano bidimensional. Este método foi desenvolvido por Gaspard Monge (1746 – 1818), matemático e grande sábio francês.

A disciplina de Geometria Descritiva A e de acordo com o seu programa da responsabilidade do Ministério da Educação, é uma disciplina de formação específica comum ao Curso Geral de Ciências e Tecnologia e ao Curso Geral de Artes Visuais. Trata-se de uma disciplina que *“permite, dada a natureza do seu objeto, o desenvolvimento das capacidades de ver, perceber, organizar e catalogar o espaço envolvente, propiciando instrumentos específicos para o trabalhar – em desenho – ou para criar novos objetos ou situações...”* (Currículo dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e Artes Visuais de Geometria Descritiva A do 10º e 11º ano [2001]). Esta disciplina procura conferir competências de representação e construção rigorosa de objetos geométricos, servindo a várias áreas onde o desenho é

reflexo da percepção e visualização espacial, compreendendo-se assim como o seu alcance formativo é amplo. É uma disciplina indispensável à formação de profissionais cujas áreas se baseiam no uso do desenho técnico ou rigoroso de forma sistemática. *“Sendo assim, essencial a áreas disciplinares como sejam, a arquitetura, a engenharia, as artes plásticas ou o design”* (Currículo dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e Artes Visuais de Geometria Descritiva A do 10º e 11º ano [2001]).

O Ensino da Geometria Descritiva, dentro do curso das Artes Visuais, tem o intuito de desenvolver a habilidade espacial dos alunos e, conseqüentemente, exercitar o hemisfério direito do cérebro. *“Desse modo, o sentido da presença desta disciplina no reportório curricular do ensino secundário é o de contribuir para a formação de indivíduos enquanto tal e, particularmente, para quem seja fundamental o "diálogo" entre a mão e o cérebro, no desenvolvimento recíproco de ideias e representações gráficas.”* (Currículo dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e Artes Visuais de Geometria Descritiva A do 10º e 11º ano [2001] p.3).

Esta ajuda-nos aperceber o que nos rodeia resolvendo problemas como: construção de vistas, obtenção das verdadeiras grandezas de cada face do objeto através de métodos descritivos e também a construção de protótipos do objeto representado.

Segundo o Currículo dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e Artes Visuais de Geometria Descritiva A do 10º e 11º ano de escolaridade (2001), a disciplina de Geometria Descritiva apresenta as seguintes finalidades:

- Desenvolver a capacidade de percepção dos espaços, das formas visuais e das suas posições relativas;
- Desenvolver a capacidade de visualização mental e representação gráfica, de formas reais ou imaginadas;
- Desenvolver a capacidade de interpretação de representações descritivas de formas;
- Desenvolver a capacidade de comunicar através de representações descritivas;
- Desenvolver as capacidades de formular e resolver problemas;

- Desenvolver a capacidade criativa;
- Promover a autoexigência de rigor e o espírito crítico;
- Promover a realização pessoal mediante o desenvolvimento de atitudes de autonomia, solidariedade e cooperação. (p.5)

Na disciplina de Geometria Descritiva A pretende-se que o aluno atinja os seguintes objetivos:

- Conhecer a fundamentação teórica dos sistemas de representação diédrica e axonométrica;
- Identificar os diferentes tipos de projeção e os princípios base dos sistemas de representação diédrica e axonométrica;
- Reconhecer a função e vocação particular de cada um desses sistemas de representação;
- Representar com exatidão sobre desenhos que só têm duas dimensões os objetos que na realidade têm três e que são suscetíveis de uma definição rigorosa (Gaspard Monge);
- Deduzir da descrição exata dos corpos as propriedades das formas e as suas posições respetivas (Gaspard Monge);
- Conhecer vocabulário específico da Geometria Descritiva;
- Usar o conhecimento dos sistemas estudados no desenvolvimento de ideias e na sua comunicação;
- Conhecer aspetos da normalização relativos ao material e equipamento de desenho e às convenções gráficas;
- Utilizar corretamente os materiais e instrumentos cometidos ao desenho rigoroso;
- Relacionar-se responsabilmente dentro de grupos de trabalho, adotando atitudes comportamentais construtivas, solidárias tolerantes e de respeito. (pp. 5-6)

Na disciplina de Geometria Descritiva A pretende-se que o aluno desenvolva as seguintes competências:

- Percecionar e visualizar no espaço;

- Aplicar dos processos construtivos da representação;
- Reconhecer a normalização referente ao desenho;
- Utilizar os instrumentos de desenho e executar os traçados;
- Utilizar a Geometria Descritiva em situações de comunicação e registo;
- Representar formas reais ou imaginadas;
- Ser autónomo no desenvolvimento de atividades individuais;
- Planificar e organizar o trabalho;
- Cooperar em trabalhos coletivos. (pp.13-14)

Esta é uma disciplina com um carácter abstrato e matemático, onde os alunos demonstram dificuldades e desinteresse, onde há grandes níveis de insucesso. Cabe ao professor conseguir captar os alunos para este mundo abstrato, recorrendo a diferentes estratégias, métodos e recursos, que auxiliem na dinamização dos conteúdos, de modo a que os alunos vejam a utilidade e aplicação prática das valências da disciplina noutras situações

No desempenho da minha prática pedagógica estas foram as competências que foram consideradas necessárias para uma boa preparação e condução das aulas de forma a conseguir atingir os objetivos e finalidades propostos pelo programa de Geometria Descritiva A.

1.3.2 Currículo Nacional do Ensino Básico – Educação Visual

“As artes não são um luxo mas antes uma necessidade, pois além de contribuírem para formar cidadãos capazes de inovar, constituem um elemento fundamental no desenvolvimento da capacidade emocional indispensável a um comportamento moral íntegro” (Unesco, 2006, p.4).

Como está designado no documento Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais (setembro 2001, p.149), *“as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção; a vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano; as artes permitem participar em desafios coletivos e pessoais que contribuem para a*

construção da identidade pessoal e social; promovem o desenvolvimento da criatividade; permitem promover práticas de investigação e fomentam o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação”.

Ferreira, S. (2001) refere ainda que as artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento. Em contacto com as artes e ao realizarem atividades artísticas, os alunos aprendem muito mais do que pretendemos, extrapolando o que poderiam aprender no campo específico das artes. E, como o ser humano é um ser cultural, essa é a primeira razão para a presença das artes na educação escolar. Todos os professores das expressões artísticas deverão entender a responsabilidade inevitável da sua tarefa como portadores dos seus conhecimentos. Read define a Arte como um meio para a educação e realça constantemente a sua importância na educação e o modo como fica incompleta sem tal. “A arte está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos.” (Read, 2007, p.28).

Relativamente à Educação Visual diz-se no Currículo Nacional do Ensino Básico que *“A Educação Visual constitui-se como uma área de saber que se situa no interface da comunicação e da cultura dos indivíduos tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no Universo Visual. Desenvolver o poder de discriminação em relação às formas e cores, sentir a composição de uma obra, tornar-se capaz de identificar, de analisar criticamente o que está representado e de agir plasticamente são modos de estruturar o pensamento inerentes à intencionalidade de Educação Visual como educação do olhar e do ver.”* (p.155)

A disciplina de Educação Visual faz parte do currículo dos três ciclos do ensino básico. No programa de Educação Visual, que abarca o 7º, 8º e 9º ano, estão presentes, os conteúdos e os resultados pretendidos. De acordo com o programa, esta disciplina está inserida na área de Educação Artística, porque esta *“situa-a nos domínios concretos da expressão Plástica e do Desenho, entendido este como uma escrita visual de uma específica das artes. A Educação Visual é uma disciplina fundamental para a “EDUCAÇÃO global do cidadão.”* (Educação Visual, Ajustamento do programa de Educação Visual 3º ciclo. Departamento da Educação Artística, s.d.).

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico, esta disciplina está intimamente ligada à Arte, de modo que neste refere-se que “A Arte como forma de apreender o mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura.” (p.155). Através desta disciplina pretende-se desenvolver as capacidades de comunicação e de interpretação dos significados, recorrendo à utilização das linguagens específicas inerentes à mesma. Pretende-se levar os alunos ao entendimento da obra de arte e as questões subjacentes a esta, promovendo o interesse dos alunos na aquisição de conhecimentos a nível artístico.

Relativamente às competências gerais da disciplina, esta visa a apropriação das linguagens elementares da arte, a capacidade de expressão e comunicação, tendo nas artes uma forma de aproximação e comunicação das diferentes culturas, e entendendo-as como parte significativa do património cultural da Humanidade.

As competências específicas visam o desenvolvimento do indivíduo em vários campos, através da *fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação*. No que concerne à fruição/contemplação, pretende-se desenvolver no aluno a capacidade de perceber e reconhecer as artes visuais como valor cultural primordial para o seu desenvolvimento; conduzindo assim o aluno à apreciação crítica no que concerne à compreensão das diversas manifestações artísticas, promovendo a capacidade de análise crítica, com base nas experiências e nos conhecimentos adquiridos.

Quanto à produção/criação, o objetivo é desenvolver a capacidade do entendimento do mundo real, através da representação, promovendo o desenvolvimento da criatividade através da materialização das ideias. Como tal, pretende-se também desenvolver a capacidade do aluno dominar meios e técnicas, através da seleção e da utilização correta dos materiais e dos instrumentos; adaptando-os às mais diversas situações, e realizando, assim, produções que utilizem os elementos da comunicação visual.

Relativamente à reflexão/interpretação, visa desenvolver no aluno a sensibilidade estética, no que concerne às diferentes formas da expressão visual e promover uma posição crítica em relação aos meios de comunicação visual.

Ao aluno que inicia o 3º Ciclo, o desenho, a experimentação plástica, a aprendizagem de códigos visuais, o conhecimento do mundo das formas e das cores e ainda o exercício da imaginação e da criatividade são fundamentais para desenvolver a percepção e a sensibilidade, principais objetivos da Educação Visual.

Desta maneira, incentiva-se a compreensão e a fruição da Arte e da Cultura, ao mesmo tempo que se introduz, no currículo dos alunos, um espaço de liberdade e sentido lúdico.

Ser criativo, ou tão-somente apreciador de formas artísticas, exige conhecimentos que tornam possível o aluno selecionar e optar com consciência, tanto na compra de pequenos objetos pessoais como mais tarde, quem sabe, na criação de formas e de espaços.

Em suma, esta disciplina apresenta uma grande importância na educação e formação dos alunos, visto que lhes permite alcançar um nível cultural e artístico mais elevado.

1.4. Conhecimento do(s) conteúdo(s)

Para um conhecimento adequado dos conteúdos, é necessário uma análise detalhada dos programas das disciplinas. Essa análise deve ter em conta a possibilidade de flexibilizar os conteúdos no sentido da sua adaptação às características das turmas, das escolas e da própria comunidade. Assim, podemos dizer que os conteúdos podem ser encarados como guias para a lecionação adaptáveis às circunstâncias. No entanto, esta flexibilização dos conteúdos deve ser conciliada com a obrigatoriedade do cumprimento dos programas sobretudo no caso das disciplinas que implicam a realização de exames nacionais. O professor não é apenas aquele que transmite conteúdos na sala de aula, mas sim aquele que pretende “*estimular a curiosidade e a vontade de saber mais e promover o encontro com outras experiências/pessoas/culturas de modo a podermos recriar o nosso vocabulário de formas sempre cada vez mais proveitosas.*” (Antunes, 2001, p.233) Também, é aquele que pretende “*incentivar o diálogo, o respeito pela opinião dos outros, a diversidade cultural e a diversidade de pontos de vista alternativos.*” (Antunes, 2001, p.233) Assim, o conhecimento dos conteúdos

implica por parte do professor um domínio científico aberto a uma permanente atualização.

1.4.1 Conhecimento dos conteúdos do Programa de Geometria Descritiva A

Para um planeamento adequado e adaptado ao contexto a que se destinam as unidades de ensino, foi essencial ter em conta, como base educativa e pedagógica, o Currículo Nacional de Geometria Descritiva, onde se encontram os conteúdos a serem lecionados no 10º e 11º ano do ensino secundário. Segundo o Currículo Nacional do Curso Geral de Ciências e Tecnologias e do Curso Geral de Artes Visuais no 10º e 11º ano (2001), os conteúdos constantes do programa de Geometria Descritiva, abordam dois sistemas de representação, o diédrico e o axonométrico, considerados como fundamentais na formação secundária de um aluno. A representação diédrica fornece os pré-requisitos para a aprendizagem de qualquer outro sistema de representação, revelando-se bastante eficaz na consecução do objetivo essencial de desenvolver a capacidade de ver e de representar o espaço tridimensional. De acordo com este documento, *“Optou-se por lecionar os dois sistemas de representação referidos na sequência indicada, já que parece justificável que o estudo do sistema de representação axonométrica se faça, no ensino secundário, com um grau de desenvolvimento maior do que no ensino básico, onde este sistema mereceu apenas uma abordagem pertencente ao domínio do Desenho Técnico aliada à representação de formas bastante simples, predominantemente paralelepípedicas.”* *“(..). É exatamente a representação diédrica que constitui o cerne do programa, dado que o conhecimento deste sistema de representação não só fornece os pré-requisitos necessários para a aprendizagem de qualquer outro, como se revela bastante eficaz na consecução do objetivo essencial de desenvolver a capacidade de ver e de representar o espaço tridimensional.”*(p.3)

Esta disciplina tem como pretensão que o aluno adquira as competências necessárias para desenvolver o raciocínio espacial, com vista à criação e representação de formas e objetos geométricos. De um modo geral, pode-se dizer que não é possível ensinar Geometria Descritiva sem uma

articulação entre qualquer dos conteúdos com os objetivos e finalidades propostos no programa. Todos os conteúdos abordados em Geometria Descritiva A têm sempre precedência nas matérias anteriormente lecionadas, e mesmo que se aborde um tema novo há sempre relação com os anteriores, portanto mesmo que as unidades de ensino tenham objetivos e competências específicas, existem sempre outras subjacentes. O seu principal objetivo reside, principalmente, em desenvolver a capacidade de análise, interpretação e visualização espacial, assim como das formas que nele existem.

Na sequência do ensino-aprendizagem os conteúdos programáticos iniciais sugerem maior grau de abstração no âmbito da representação diédrica, no entanto, no sentido de facilitar o grau de abstração que é exigido ao longo do processo de ensino-aprendizagem é proposto, pelo Ministério da Educação que seja realizada uma ligação ao concreto, recorrendo a modelos tridimensionais, possibilitando a simulação das situações no espaço, que após terem sido vistas e compreendidas, serão representadas na folha de papel. Estes recursos deixarão de ser utilizados progressivamente à medida que o aluno for desenvolvendo capacidades de abstração e maturidade de visualização espacial, podendo reintegrar estes materiais sempre que necessário. Sugere também o recurso a software de geometria dinâmica que segundo o programa de Geometria Descritiva (2001) pode *“ser muito interessante e estimulante nas atividades de ensino-aprendizagem por permitir registar graficamente o movimento e, sobretudo, por facilitar a deteção, em tempo real, das invariantes dos objetos geométricos quando sujeitos a transformações, favorecendo, por conseguinte, a procura do que permanece constante no meio de tudo o que varia.”* (Currículo dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e Artes Visuais de Geometria Descritiva A do 10º e 11º ano [2001] p.4).

De acordo com o Currículo dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e Artes Visuais de Geometria Descritiva A do 10º e 11º ano, *“O Programa é composto por um módulo inicial que contempla conteúdos essenciais de Geometria Euclidiana do Espaço extraídos do Programa de Matemática do 3º ciclo do Ensino Básico. Segue-se uma introdução geral à Geometria Descritiva, muito sintética, para se passar ao estudo da Representação Diédrica que constitui o tema central do Programa, que se*

reparte, inevitavelmente, pelos dois anos letivos. Conclui o programa o estudo dos fundamentos da Representação Axonométrica e sua aplicação na representação de formas tridimensionais”. (p.6)

O programa encontra-se repartido em quatro unidade temáticas divididas pelos dois primeiros anos letivos do Ensino Secundário, como podemos ver esquematizado no seguinte quadro:

Quadro resumo do programa

Módulo Inicial	9 aulas
Introdução à Geometria Descritiva	4 aulas
Representação Diédrica	164 aulas
Representação Axonométrica	21 aulas
Total de aulas de 90 minutos	198 aulas

(...) “Os conteúdos selecionados são considerados como essenciais e estruturantes para o desenvolvimento do conhecimento do espaço articulado com a aprendizagem da representação descritiva de formas no âmbito dos sistemas de representação a estudar.

É proposta uma sequência, em correspondência com sugestões metodológicas específicas, que se julga ser mais conveniente. Isso não obsta, no entanto, a que cada professor leccione o Programa de modo diverso do proposto, tanto mais se a sua experiência de lecionação por outras vias tenha demonstrado ser igualmente positiva. Fundamentalmente importa reter que a rigidez na compartimentação dos conteúdos é mais aparente do que real podendo, em múltiplas situações, a sua sobreposição ou reordenação revelar-se mais vantajosa”.(p.6)

Nas primeiras aulas do ano letivo, foi dado início à unidade Representação Diédrica, que representa o núcleo do programa apresentado para os dois anos, para dar continuidade aos conteúdos inseridos nas unidades Módulo Inicial e Introdução à Geometria Descritiva, já lecionados pelo professor da disciplina. A esta unidade correspondem os seguintes conteúdos

programáticos propostos para o décimo ano de escolaridade: ponto, segmento de reta, reta, figuras planas I, plano, intersecções (reta/plano e plano/plano), sólidos I, métodos geométricos auxiliares I, figuras planas II, sólidos II.

De forma a haver uma sequência entre os conteúdos reta, plano e intersecções entre estes, e segundo a planificação do professor da disciplina, o conteúdo programático relativo a Figuras planas I passou para depois do conteúdo Intersecções. Assim a sequência em que foram os quatro conteúdos e seus pontos lecionados, que fizeram parte do 1º período, foi a seguinte: Ponto: localização de um ponto, projeções de um ponto; Segmento de reta: projeções de um segmento de reta, posição do segmento de reta em relação aos planos de projeções; Reta: reta definida por dois pontos, projeções da reta, ponto pertencente a uma reta, traços da reta nos planos de projeção e nos planos bissetores, posição da reta em relação aos planos de projeção, posição relativa de duas retas; Plano: definição do plano, retas contidas num plano, ponto pertencente a um plano, retas notáveis de um plano, posição de um plano em relação aos planos de projeção; Intersecções (reta/plano e plano/plano); Figuras planas I.

Para cada um dos conteúdos programáticos lecionados foram criados métodos de ensino e estratégias de ensino que tornassem o processo de ensino-aprendizagem diferente e menos monótono. A Geometria Descritiva é uma disciplina com um carácter abstrato, o que muitas vezes dificulta a aprendizagem do aluno. Além disso, o programa da disciplina é vasto, o que muitas vezes também limita todo o processo de ensino-aprendizagem, impossibilitando o apoio individualizado do professor ao aluno, por isso torna-se importante que o professor encontre estratégias educativas que tornem as experiências educativas e as aprendizagens relevantes. Estas aulas têm um cariz teórico-prático, no entanto, o professor, mesmo em momentos mais expositivos, deverá conseguir provocar o questionamento, para que, posteriormente, sejam comprovadas as questões mediante a resolução prática de problemas, promovendo assim um processo de ensino-aprendizagem, em que o aluno é o ator numa investigação devidamente conduzida pelo professor. O professor é o principal responsável pelas mudanças, dele depende a iniciativa de procurar formas alternativas de ensinar para que ajude o aluno a aprender. Assim na abordagem aos conteúdos reta de perfil, alfabeto do plano,

retas de maior declive e maior inclinação, utilizei o recurso ao power point com as definições pretendidas, para não se tornar tão expositiva (conforme em anexo, Tabela 1). O recurso ao power point permitiu-me prender a atenção do grupo para o que se pretendia, ao mesmo tempo que conseguia solicitar a participação ativa dos alunos para aquilo que estavam a ver. Este recurso informático também foi utilizado no acompanhamento à resolução dos exercícios pedidos. À medida que os alunos realizavam os exercícios e surgiam dúvidas fazia-se a visualização da realização/resolução dos mesmos. Isto permitiu que os alunos, principalmente aqueles que demonstravam maiores dificuldades, visualizassem com exatidão a resolução dos mesmos. Outras das estratégias utilizadas para a abordagem dos conteúdos atrás referidos foram exemplos ilustrativos (fotografias tiradas à escola) dos conceitos expostos, onde os alunos podiam ver alguns dos planos dados em contexto real (conforme em anexo, Imagens 1 e 2). Penso que esta foi uma estratégia bastante válida pois permitiu ao aluno verificar no real aquilo que aprendeu no papel.

Na abordagem dos conteúdos pretendi sempre contribuir para a formação dos alunos no sentido de criar e desenvolver competências que possibilitem que sejam construtores ativos de um conhecimento crítico e transferível a outras situações e problemas, que os ajude a interpretar e a agir num mundo em que vivem e nas suas próprias vidas.

1.4.2 Conhecimento dos conteúdos do Programa de Educação Visual

Os conteúdos a serem lecionados ao longo do 3º ciclo estão definidos no programa da disciplina de Educação Visual – 3º ciclo (Ajustamento do Programa de 3º ciclo), documento da responsabilidade do Ministério da Educação. Este programa aponta como sendo essenciais os seguintes conteúdos: Comunicação, Espaço, Estrutura, Forma e Luz-Cor. Cada um destes conteúdos subdivide-se em vários tópicos relativamente aos quais é dada a indicação dos anos de escolaridade em que se prevê a sua leção e quais os resultados pretendidos. Estes conteúdos devem ser desenvolvidos durante os três anos do 3º ciclo do ensino básico e deverão ser abordados de forma lógica. Nesse sentido o mesmo documento refere: “Em relação às

“áreas“ de exploração” propostas deve ser dada prioridade absoluta ao desenvolvimento das áreas de Desenho, Pintura e Escultura, sendo que as restantes áreas propostas pelo programa deverão ser geridas de acordo com as disponibilidades de tempo e equipamento de cada escola, bem como dos projetos educativos respetivos” (Ajustamento do Programa de 3º ciclo).

O professor desta disciplina deverá fomentar a exploração e utilização dos diferentes meios de expressão, explorando diferentes instrumentos em vários suportes, facultando aos alunos novas aprendizagens. Também deve ser estimulada a criatividade, através da exploração da linguagem digital, tendo em conta as tecnologias da informação e da comunicação. Ao longo do percurso escolar do aluno, esta disciplina é de grande relevância, visto que contribui para o desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. Para além disso, estimula o aluno a participar em desafios coletivos e pessoais que concorrem para a edificação da identidade pessoal e social.

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico de Educação Artística, *“a relação entre o Universo Visual e os conteúdos das competências formuladas para a educação visual pressupõe uma dinâmica propiciadora de descoberta, da dimensão crítica e participativa e da procura da linguagem apropriada à interpretação estética do Mundo”*(Currículo Nacional do Ensino Básico, Educação Artística, Competências Essenciais, p.156).

A Educação Visual é fundamental para o desenvolvimento da perceção visual, da sensibilidade estética e da capacidade de comunicação. É ela que hoje permitirá ao aluno intervir expressiva, criativa e criticamente, na melhoria de pequenos aspetos visuais da comunidade envolvente.

O desenvolvimento da perceção visual e a utilização de materiais e técnicas em áreas de expressão variadas vão permitir ao aluno comunicar visualmente de uma forma cada vez mais consciente.

O estudo das formas e dos objetos, do espaço que ocupam ou em que se inserem, vai ajudar o aluno a compreender melhor a intervenção do Homem como ser criativo, ao longo dos tempos. O Homem foi introduzindo alterações nos objetos que utiliza, de modo a torná-los mais atrativos, mais fáceis de usar e mais duradouros. A evolução tecnológica e o gosto do consumidor apelam à criatividade.

O papel do professor é fundamental. O modo como as ideias e os conceitos são apresentados, o nosso entusiasmo e o planeamento de propostas sequenciais para explorar e alargar conceitos e dominar progressivamente materiais e técnicas de expressão, conduzem muitas vezes à participação empenhada e até entusiasta dos nossos alunos, contribuindo para que o ambiente das aulas seja agradável, mas também de trabalho, responsabilidade, cooperação e reflexão.

É fundamental em todo este processo ter em consideração o período de desenvolvimento dos alunos deste nível etário, que ronda os 13 anos, para que as propostas apresentadas e as expectativas que geram sejam adequadas e não resultem frustrantes para alunos e professor.

Não podemos esquecer que esta é uma fase de grande mudança física e psicológica que torna os alunos, muitas vezes, vulneráveis, inseguros e instáveis. Começam a libertar-se do real e do concreto acedendo ao mundo do possível e do abstrato, mas têm por vezes dificuldade em aceitar os resultados do seu trabalho. Educação Visual é uma disciplina em que se pode dar largas à imaginação, pois está ligada a todas as outras disciplinas. Tem como objetivo principal, através da educação da visão, o sensibilizar e permitir o contato com e para o mundo das artes visto que, desenvolve a criatividade e a expressão artística dos alunos não só neste campo. De modo a desenvolver os conteúdos Módulo/Padrão e Textura recorri ao power point como auxílio para expor as definições e exemplos da matéria a ensinar (conforme em anexo, Tabela 2). Para que a apresentação não se tornasse só expositiva foi pedido a colaboração dos alunos na leitura do mesmo. Os alunos realizaram módulos e padrões com materiais reciclados que eu levei para a sala de aula e expus à vista de todos (conforme em anexo, Imagem 3). Através desta estratégia pretendi que os alunos, após o visionamento do power point, compreendessem os conceitos de módulo, padrão e textura para posteriormente, utilizando variados materiais, conseguissem realizar estruturas modulares (padrões), de suporte e visuais. A abordagem destes conteúdos permitiu aos alunos perceberem que tudo à nossa volta são módulos e padrões, ou seja, o módulo é a unidade e o padrão é composto por várias unidades.

Durante a minha prática nas aulas de educação visual, considero ter abordado os conteúdos selecionados para os alunos deste grau de ensino,

utilizando uma linguagem acessível, motivando-os através da imagem e de propostas de trabalho, as mais diversificadas possíveis, abrindo assim caminho à curiosidade pelos fenômenos artísticos e à sensibilidade estética associada ao trabalho de experimentação e pesquisa, ao rigor e à criatividade.

2. Planificação e condução de aulas, impacto e avaliação das aprendizagens

2.1. Perspetiva educativa e métodos de ensino

A Prática Pedagógica é uma parte do currículo muito importante na formação dos futuros professores porque permite a experiência e aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer da formação académica. O professor exerce uma influência determinante na sala de aula e como tal as suas atitudes, motivos e perceções podem influenciar a sua forma de agir e são transmitidas aos seus alunos, muitas vezes através de sinais não-verbais (como o tom de voz, a expressão facial, a postura, etc.), influenciando o desenvolvimento do processo aprendizagem. Então, é fundamental que o professor, para além de conhecer os seus alunos e de procurar relacionar-se de um modo positivo e construtivo com todos eles, se sinta motivado e autoconfiante, desenvolvendo a capacidade de analisar o seu próprio ensino, estabelecendo uma atmosfera de cooperação e aprendizagem na sala de aula, pois só assim conseguirá proporcionar aos seus alunos um processo de ensino-aprendizagem produtivo e eficaz. Além disso, é bastante importante o professor permanecer atualizado, de modo a aceitar novos desafios e adaptar-se a diferentes realidades bem como proporcionar aos seus alunos uma variedade de informação que mostre os vários pontos de vista dessa realidade tão abrangente para que estes se formem para um mundo em constante mudança.

A perspetiva educativa adotada, por mim, na minha prática tem como base referências das teorias construtivistas, que consideram o ensino centrado no aluno, tendo em vista a sua formação e realização integral. Assim, procurei agir de acordo com a ideia de que o papel do professor não se deve limitar à transmissão de informação nem deve ser, o oposto, “*o de um assistente*

passivo de uma suposta aprendizagem espontânea por parte do aluno” (Roldão, 2009, p.23), ou seja, ao mesmo tempo que o aluno tem um papel ativo e protagonista, o professor deve assumir um papel igualmente ativo uma vez que deve prestar a ajuda necessária que o processo orientado para a autonomia exige. A interação entre os alunos e entre aluno / professor deve ser constante, agradável, recíproca e confiável de modo a que aos alunos sejam dadas condições que lhes permitam ir descobrindo a sua capacidade criativa. Cabe ao professor envolver os alunos nas atividades, de modo a ajudá-los a encontrar sentido naquilo que estão a fazer, ou seja, deve conduzi-los a uma aprendizagem significativa que implique os seus conhecimentos e as experiências prévias, que apele à descoberta, análise e resolução de problemas para que desenvolva os seus interesses e capacidades; deve oferecer as ajudas necessárias e adequadas valorizando a autonomia dos alunos proporcionando que aprendam a aprender. No decorrer da minha prática tentei recorrer a metodologias que conduzissem a uma postura ativa dos alunos e que promovessem o desenvolvimento de estratégias de compreensão da cultura visual. Educar para saber olhar, analisar e compreender o mundo, sendo que o “*saber fazer*” não é o objetivo primordial mas uma parte do processo da compreensão (Hernández, 2000).

Apesar de em algumas atividades ter havido a necessidade de recorrer à exposição, principalmente, para explicar alguns conceitos ou técnicas, tentei não fazê-lo da forma mais usual em que o conhecimento previamente estruturado fosse transmitido a um grupo de alunos passivos, mas recorrendo a outras estratégias de exposição de informação, tais como, apresentado exemplos ilustrativos, recorrendo a tecnologias e a programas como o Power Point, criando situações problema e desafiar os alunos a encontrar a resposta, apresentar uma variedade de utensílios e materiais. Também me servi do meio ambiente envolvente como exemplo de trabalho, pois é algo que os rodeia e faz parte do seu dia-a-dia. Além disso, penso ser importante prestar atenção e observarem o meio que os rodeia para serem bons críticos visuais.

Resumidamente, tentei, sempre que possível, diversificar estratégias de ensino na minha prática pedagógica e profissional, de modo a evitar que aprendizagem se fizesse de modo superficial e sim, conduzir a uma postura ativa promotora de uma abordagem profunda (Duarte, 2002), e evitei a

utilização de rotinas principalmente o uso regular do método expositivo face a alunos em situação passiva, por estas retirarem a novidade e a criatividade da aprendizagem (ibidem, 2002).

2.2. Preparação das aulas

Para uma boa gestão de sala de aula, a preparação das aulas torna-se um fator imprescindível e fundamental, uma vez que ajuda a criar condições para um ambiente de trabalho mais eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Para que tal aconteça, há a necessidade de estruturar um plano suficientemente elaborado tendo em conta vários aspetos, tais como, definição de objetivos, seleção de conteúdos e estratégias de ensino mais adequadas à especificidade da disciplina e características cognitivas, afetivas, sociais e culturais dos alunos. No entanto, este plano deve de ser flexível e livre de rigidez, de modo a que se possa adaptar a situações imprevisíveis que possam acontecer ou a levar em conta as contribuições dos alunos. Isto porque é muito importante os alunos também poderem participar na tomada de decisões sobre o carácter das unidades didáticas e na forma de organizar e desenvolver as tarefas, de modo a que se envolvam e se responsabilizem pelos seus próprios processos de construção do conhecimento (Amado e Freire, 2005; Zabala, 1998).

Na minha prática de ensino supervisionada, a preparação de aulas decorreu logo no 1º período, sendo realizada conjuntamente com os meus colegas de núcleo de estágio e o professor orientador cooperante. Esta preparação teve o cuidado de dar continuidade ao que tinha sido anteriormente iniciado pela turma. Durante as duas primeiras semanas foi-nos dada a oportunidade de assistir e observar as aulas do professor de Geometria Descritiva A, fato que permitiu um melhor conhecimento da escola e alunos bem como dos métodos de ensino utilizados pelo professor. Nas primeiras reuniões com o professor, o principal objetivo foi o esclarecimento de aspetos referentes à disciplina de Geometria Descritiva, como conteúdos, metodologias e estratégias que faziam parte dos objetivos deste 1º período e sem os quais não seria possível começar a planificar.

Assim, como ponto de partida deste processo, elaborei os documentos de planificação das atividades letivas, tanto para a disciplina de Geometria Descritiva A, no 10º ano como na disciplina de Educação Visual no 7º ano. Da estrutura destas planificações faziam parte os seguintes aspetos: formulação das competências específicas; atividades a serem desenvolvidas pelos alunos e respetiva calendarização; enunciação de conteúdos; e a avaliação, nomeadamente a Avaliação Contínua, Formativa e Sumativa, onde se integram a heteroavaliação e a autoavaliação, tendo em conta os critérios de avaliação da disciplina e respetivos instrumentos.

Relativamente à disciplina de Geometria Descritiva A, no 10º ano de escolaridade, a preparação de aulas obedeceu à calendarização anual apresentada pelo professor orientador da escola. De acordo com o programa da disciplina e esta calendarização, elaborou-se um plano a médio prazo que era constituído pelas competências gerais e específicas, conteúdos programáticos e os respetivos tempos (conforme em anexo, Tabela 3).

A disciplina de Geometria Descritiva A era composta por quatro tempos semanais, dos quais dois eram lecionados à totalidade da turma pelo seu professor e os outros dois, com metade da turma, cada um deles, foi atribuído aos estagiários.

Semanalmente o núcleo de estágio reunia para a realização das planificações a curto prazo, com a orientação do professor segundo os conteúdos a serem lecionados na semana seguinte. Nessas reuniões o professor sugeria estratégias e exercícios que nos pudessem orientar para um bom desempenho profissional. Para cada aula foram preparadas apresentações multimédia, com exercícios realizados, para que os alunos pudessem visionar com exatidão, passo a passo, a resolução dos mesmos e sempre que necessitassem voltar atrás. Também foram preparadas fichas de apoio para os alunos poderem consolidar os conhecimentos previamente adquiridos.

Na disciplina de Educação Visual, no 7º ano de escolaridade, as planificações a curto prazo foram delineadas acompanhando o aperfeiçoamento do programa de Educação Visual para este período. O desenvolvimento do meu trabalho nesta disciplina implicou um conjunto de atividades e estratégias, de modo a que me permitissem a recolha de informação dos conhecimentos

prévios dos alunos, a fim de poder introduzir os novos conteúdos. Para cada aula foram preparadas apresentações com exemplos ilustrativos dos conteúdos e matérias lecionados. Lecionar neste 7º ano foi gratificante e inovador, uma vez que era uma turma constituída por alunos que integravam o último turno da TurmaMais. Para mim, as vantagens da turmaMais prendem-se pela dinâmica que proporciona. Este projeto, “TurmaMais”, proporcionou-me experiências educativas bastante positivas face à escola, bem como novas dinâmicas de trabalho, favorecendo a partilha e o autoquestionamento. Além disso, através deste projeto consegue-se contribuir para a construção de uma imagem de Escola inclusiva, preocupada com o sucesso dos alunos e a igualdade de oportunidades, junto da comunidade educativa.

Preparar as aulas, tanto numa disciplina como noutra, previu também de muita experimentação para que no momento da aula nada estivesse em falta. Assim, no dia das aulas era sempre feita uma revisão dos materiais, para não existirem falhas nos recursos necessários, eram distribuídos os materiais e era revista a disposição das carteiras sempre que necessário. Antes da preparação dos conteúdos a serem lecionados, também houve sempre uma preocupação constante em pesquisar, tanto em livros como na internet, acerca dos temas abordados em contexto de ensino-aprendizagem.

2.3. Uma unidade de trabalho significativa como exemplo da prática desenvolvida

Neste ponto é considerada como significativa uma unidade de trabalho para cada uma das turmas onde a PES foi desenvolvida, 7º ano do ensino básico e 10º ano do ensino secundário, respetivamente.

As unidades aqui exploradas revelaram-se importantes e gratificantes na minha prática pedagógica.

Turma do 7º ano do ensino básico

Na disciplina de Educação Visual, a unidade de trabalho escolhida foi a unidade de Módulo e Padrão. Esta foi a 1ª aula supervisionada pelo professor orientador da Universidade, da aula de E.V. Para a realização desta aula a sala

foi organizada antes da entrada dos alunos (conforme em anexo, Imagem 4). As mesas foram dispostas em U, para os alunos poderem estar mais juntos e no meio, foram colocadas algumas mesas com diversos tipos de materiais reciclados (conforme em anexo, Imagem 3), que serviriam à execução da aula. Iniciou-se a aula de Educação Visual com a chamada dos alunos e distribuição dos mesmos pelos seus lugares. Os objetivos propostos para esta aula, contemplavam as definições de Módulo e Padrão. Pretendia-se que os alunos criassem um módulo e o utilizassem para realizar um padrão por repetição, rotação, simetria e alternância.

Na primeira parte da aula, a estratégia utilizada integrou o uso do equipamento informático, como auxílio para a exposição da matéria a apresentar. Assim os alunos visionaram um power point, com as definições pretendidas e alguns exemplos. No decorrer do power point e para que a apresentação não se tornasse tão expositiva, ia solicitando aos alunos que lessem a informação que ia sendo fornecida. De seguida, e como reforço do aprendido, foi distribuída uma ficha informativa com a matéria toda sintetizada e alguns exemplos (conforme em anexo, Tabela 4). Após a leitura e análise da mesma, os alunos resolveram uma ficha formativa, para aplicação da matéria aprendida (conforme em anexo, Imagens 5 e 6). Na seguinte aula, os alunos realizaram módulos e padrões com os materiais reciclados, que eu tinha levado, e que estavam dispostos nas mesas centrais da sala de aula (conforme em anexo, Imagem 3).

.

Turma do 10º ano do ensino secundário

A unidade de trabalho considerada mais significativa na disciplina de GDA, faz parte da unidade didática, “Introdução à Geometria Descritiva”. Para esta aula teórico prática, os objetivos propostos contemplavam as definições de Reta de perfil, Alfabeto do Plano, Retas de Maior Declive e Maior inclinação (conforme em anexo, Tabela 1).

Esta primeira parte da aula foi de carácter mais expositivo/demonstrativo. Como auxílio da exposição da matéria, foi utilizado um Power Point, com as definições pretendidas. Esta foi a segunda aula supervisionada pelo professor orientador da Universidade. A aula foi iniciada com a rotina habitual dos alunos.

Durante esta exposição/demonstração, foi sempre solicitado aos alunos a sua participação ativa, de modo a que exprimissem as suas opiniões, resolvessem problemas e encontrassem soluções. Seguidamente foi facultada uma ficha formativa para que os alunos aplicassem os conteúdos da aula (conforme em anexo, Tabela 7). Durante a realização da mesma fez-se a resolução dos exercícios, com recurso ao Power Point, onde os alunos visualizavam a realização/resolução dos exercícios passo a passo à medida que o professor explicava e tirava algumas dúvidas. Utilizei esta estratégia como auxílio aos alunos com maior dificuldade na disciplina, pois permitia que conseguissem visualizar com exatidão, ao mesmo tempo que eu conseguia explicar e tirar dúvidas.

Para finalizar e como exemplo ilustrativo dos conceitos expostos apresentei, em pc/retroprojektor, várias fotografias tiradas na escola, onde os alunos podiam ver alguns dos planos dados em contexto real (conforme em anexo, Imagens 1 e 2).

Estas foram as unidades escolhidas que eu considerei mais significativas. Os resultados finais foram, de algum modo, globalmente atingidos. Os alunos colaboraram e estiveram motivados e compreenderam o que se pretendia.

Da avaliação fizeram parte os seguintes instrumentos: ficha de observação (conforme em anexo, Tabela 8), ficha de trabalho, ficha de avaliação.

2.4. Condução das aulas

Para uma reflexão completa e eficiente sobre a Prática de Ensino Supervisionada aqui apresentada, serão expostos em seguida alguns exemplos de momentos letivos que foram considerados mais gratificantes, bem como outros que correram menos bem na condução das aulas, por acontecimentos planeados ou inesperados, que proporcionaram momentos de crescimento pessoal e profissional, que serviram de preparação para o futuro no processo de ensino aprendizagem. Para além destes exemplos, serão também referidas informações e reflexões alusivas às aulas supervisionadas.

Na aula supervisionada do dia 29/11/2010, na disciplina de Geometria Descritiva A, onde abordei os conteúdos de Ponto, Reta, Plano de Rampa e

Plano Oblíquo, achei importante apresentar imagens da fachada da Escola Secundária Rainha Santa Isabel/3 de Estremoz para motivar os alunos na compreensão da matéria pretendida através de casos concretos, aplicados à arquitetura. Penso que foi uma boa estratégia, pois levou a que os alunos observassem e passassem a observar com atenção a sua escola e meio envolvente, de modo a analisarem os Planos existentes de acordo com o que havíamos estudado.

Na aula supervisionada do dia 21/3/2011, na disciplina de Educação Visual, dedicada aos conteúdos Módulo, Padrão e Textura, o facto de o trabalho ter sido organizado para se desenvolver em grupo, potenciou a interação entre os alunos, estimulando uma maior criatividade por comparação das abordagens individuais. Esta aula mostrou-se bastante produtiva, tendo em conta o trabalho realizado pelos alunos. Mais tarde, na aula seguinte do dia 28/3/2011, estes trabalhos foram utilizados para dar continuidade aos conteúdos acima referidos. Os alunos colocaram os trabalhos no placard de uma parede da sala com o fim de realizarmos um balanço dos exercícios realizados nas três aulas, duas das quais supervisionadas. Esta composição desenvolvida na parede da sala de aula, e composta pelos trabalhos de todos os alunos, construiu uma estrutura/textura, fato que permitiu não só uma experiência coletiva como uma forma de abordar outros itens da linguagem visual (conforme em anexo, Imagens 5 à 22).

Como aspetos menos positivos tenho a destacar, por vezes, a gestão do tempo, nalgumas aulas supervisionadas na disciplina de Geometria Descritiva A, bem como alguns incidentes relacionados com o comportamento de alguns alunos em particular.

As estratégias e recursos utilizados no decorrer das aulas deram algum ritmo e entusiasmo aos alunos. No conjunto desses recursos e estratégias salientaram-se a utilização de fichas informativas e apresentação em power point.

Apesar de já não ser uma forma inovadora de apresentar os conteúdos, o power point foi um instrumento importante, uma vez que, constituiu um foco de atenção comum a toda a turma, que funcionou como complemento para esclarecer ideias a comunicar e na construção de conceitos, tanto através de imagens, como de esquemas e tópicos. Além disto, tem mais outras vantagens,

pois permite controlar o tempo de exposição e adequá-lo à turma, havendo sempre a possibilidade de recuar sempre que necessário.

Para tal, procurei preparar estas materiais cuidadosamente com base na pesquisa de várias fontes, para poder assegurar que a informação fornecida fosse correta, que não fosse excessiva, para poder ser assimilada pelos alunos de modo a que resultasse em elementos de motivação e promotoras de diálogo dos temas a trabalhar.

Penso que, de uma forma geral, o decorrer das aulas correu de modo positivo. Os contatos mantidos com todos os que estiveram envolvidos na preparação das aulas foram importantes, uma vez que contribuíram para o facto destas terem vindo a revelar-se gratificantes. Além disso, esta foi uma experiência pedagógica bastante válida, uma vez que, contribuirá como referência para o meu desenvolvimento profissional futuro.

2.5. Impacto sobre os alunos e avaliação das suas aprendizagens

A avaliação constitui um processo dinâmico, contínuo e sistemático, que acompanha o desenrolar do ato educativo, regulando-o de modo a permitir o seu constante aperfeiçoamento e incide sobre competências definidas no Currículo Nacional para as diversas disciplinas ou áreas, considerando a explicitação das mesmas no Projeto Curricular de Escola e no Projeto Curricular de Turma, por ano de escolaridade.

O impacto do trabalho realizado com os alunos durante a Prática de Ensino Supervisionada é aferível pelos resultados das aprendizagens, que vai muito além das avaliações aferíveis em contexto escolar, pois, concede aos alunos muito mais do que o lecionado, uma vez que lhes possibilita novos conhecimentos e técnicas que os capacitam para responder, com sucesso, a novas abordagens em próximos problemas que possam surgir. Poderá dizer-se que este impacto é “*medido*” não só pelos resultados finais dos alunos, mas também e principalmente, por indicadores que não têm medição, por sinais, comentários, atitudes ou alterações destas, entre outros. Toda a atividade letiva contribui para a formação integral do aluno. A avaliação dos alunos, de carácter formativo, foi realizada ao longo de cada aula, através de fichas de observação, de trabalho e de avaliação. Esta avaliação formativa teve

resultados positivos, que se refletiram no aproveitamento e comportamento dos alunos. Os resultados foram de um modo geral positivos e mostraram o empenho dos alunos na realização dos diferentes trabalhos. A avaliação obedeceu aos critérios específicos de avaliação da disciplina de Geometria Descritiva A no 10º ano de escolaridade e na disciplina de Educação Visual, no 7º ano de escolaridade. Os alunos responderam com recetividade às estratégias e atividades propostas para atingir os objetivos propostos a cada sessão.

3. Análise da prática de ensino

A análise da prática de ensino baseia-se nas experiências didáticas e pedagógicas experienciadas em sala de aula, no decorrer da PES. De um modo geral, a prática de ensino que aqui se analisa, implicou uma constante reflexão e pesquisa, havendo sempre uma preocupação na diversificação de estratégias com a finalidade de se promoverem aprendizagens significativas, estimular a participação dos alunos, convocar os seus conhecimentos e experiências prévias, apelar à descoberta, à análise e resolução de problemas no âmbito dos diferentes ciclos de ensino e das diferentes disciplinas onde esta prática se realizou.

É necessário que os alunos sejam confrontados com atividades que se constituam como novos desafios de aprendizagem. Assim, pretendi que estas atividades fossem ao encontro dos interesses diferenciados dos alunos, tendo sido eles, os próprios a tomarem as decisões necessárias para a elaboração e concretização dos projetos, revelando uma atitude de responsabilização e autonomia, ainda que tivessem sempre contado com a minha orientação e ajuda.

As aulas realizadas contemplam um conjunto de tarefas propostas que, obtiveram uma aceitação e participação bastante satisfatórias. Em muitas destas aulas, aconteceram momentos de exposição de conteúdos teóricos com recurso a meios informáticos, como o Power Point, onde se apelou à participação dos alunos, incentivando-os a terem uma postura crítica e reflexiva. Foi ainda pedido aos alunos a resolução de exercícios que desenvolvessem determinadas competências. Além disso, a boa interação

existente com os alunos da turma, mostrou-se um fator também bastante importante na obtenção de resultados positivos.

De um modo geral, julgo que manifestei facilidade de comunicação com os alunos, promovendo sempre uma relação estimulante e promotora da sua participação e dei sempre a ajuda necessária na realização das tarefas. Considero também que revelei domínio científico dos temas abordados e que apresentei os conteúdos com rigor e clareza, estruturando-os corretamente e logicamente. Penso que permiti o desenvolvimento de um clima dinâmico e agradável, registrando-se, esporadicamente, algumas situações de incumprimento de regras que tentei resolver através do diálogo.

A PES, aqui analisada, revelou-se bastante enriquecedora, também, porque, foi realizada em dois ciclos de ensino diferentes - 7º ano e 10º ano – o que me permitiu trabalhar com realidades diferentes tanto a nível etário, como a nível de empenhamento por parte dos alunos, que por sua vez foi uma das principais preocupações para determinar estratégias distintas de motivação.

4. Participação na escola

A escola é um local onde se trocam experiências, onde todos os que aí participam vivem um pouco ou grande parte da sua vida. Por isso, é imprescindível que cada um se sinta parte integrante dela.

O professor assume o papel primordial de dinamizador de participação e de mobilização de todos os outros intervenientes, no sentido de, os levar a darem o seu contributo e a assumirem a sua parte de responsabilidade na educação, para que a escola possa realizar os seus objetivos. É essencial a promoção da interdisciplinaridade na escola. Através da interdisciplinaridade, os alunos irão interagir com várias áreas, e isso levará a que adquiram uma consciência de que esta interação permitirá alcançar resultados mais interessantes do ponto de vista artístico, além disso, terão a possibilidade de alargar a sua imaginação e criatividade ampliando os seus conhecimentos. Uma aula deve ser pensada de modo a que possibilite trocas, não com um professor que transmite conhecimento e os alunos apreendem o que podem, mas com pessoas trocando experiências e conhecimentos.

Assim, de minha iniciativa, ao ter conhecimento da existência de um projeto que iria decorrer na Biblioteca da escola, intitulado “A Semana de Fernando Pessoa”, dirigi-me à Professora Coordenadora da Biblioteca da Escola e ofereci a minha disponibilidade e gosto em participar na atividade, enquanto aluno estagiário do curso de artes. Após reunião com a Professora Coordenadora da Biblioteca da Escola, foi manifestado o interesse pela existência de um prospeto, para divulgação desta atividade à comunidade escolar. Como resultado, realizei um outdoor e respetivo prospeto com a imagem de Fernando Pessoa que mais tarde também foi exposto na Feira das Escolas (conforme em anexo, Imagens 23, 24 e 25).

A informação deste evento, a Feira das Escolas, foi logo enunciada nas primeiras reuniões do núcleo de estágio com o professor Domingos Isabelinho. Este evento é considerado um dos mais evidentes e com impacto pelas escolas em Estremoz.

A Feira das Escolas é organizada pela Câmara Municipal de Estremoz e pelos agentes da comunidade educativa e o seu objetivo principal é o de promover a educação no concelho e tem lugar no Parque de Feiras e Exposições de Estremoz, onde é apresentada a oferta formativa para o ano letivo seguinte. Assim, e por pertencermos ao grupo de Artes, foi-nos sugerido que participássemos e colaborássemos com ideias e soluções que pudessem melhorar a imagem da escola neste evento que iria decorrer nos dias 7 e 8 de Abril de 2011. Para melhor nos darem a conhecer os projetos e condições que até então a escola tinha apresentado em Feiras das Escolas anteriores, foram realizadas algumas reuniões com os órgãos de gestão da escola. Aí foram-nos apresentadas algumas das sugestões que já tinham sido feitas por alguns departamentos, mas que até então não tinham sido levadas a cabo. Depois de analisar as propostas existentes, bem como as realizadas em anos anteriores, dirigi-me à Direção para falar com a responsável pelo projeto Feira das Escolas e mostrei o meu interesse em participar nesse mesmo projeto. Após algumas reuniões sobre as minhas propostas para tal evento, o conselho diretivo e a responsável pelo projeto, escolheram uma delas que acharam bastante interessante. Assim, toda a organização do stand da escola esteve à minha responsabilidade. Realizei o projeto dos outdoors, organizei a disposição dos

espaços e atividades necessárias para a escola se apresentar à comunidade educativa.

Daí resultou a criação de três outdoors, com as propostas da oferta educativa da Escola Secundária Rainha Santa Isabel/3 de Estremoz, para o próximo ano letivo, bem como algumas das atividades mais relevantes (conforme em anexo, Imagens 26, 27, 28 e 29).

Pelos meus trabalhos até aí desenvolvidos na escola, o Gabinete de Apoio ao Aluno e Encarregado de Educação, solicitou-me ajuda para a reestruturação do projeto de divulgação do mesmo (conforme em anexo, Imagens 30 e 31). Também fui convidado por uma turma de 12º ano de escolaridade, na disciplina de Área de Projeto, para a criação de um cartaz e folheto informativo, para a divulgação de um trabalho realizado por eles sobre a Tireoide (conforme em anexo, Imagem 32).

Em finais de maio, propus à Direção da escola a projeção de dois filmes acerca de temáticas da atualidade, que tinham a ver com a reutilização de materiais e problemas atuais de pessoas que vivem do lixo. Para divulgação desta atividade realizei um folheto publicitário (conforme em anexo, Imagem 33). A atividade teve lugar no auditório da Escola Secundária Rainha Santa Isabel/3 de Estremoz, nos dias 25 e 26 de maio e foi bastante afluente tanto pelos alunos dos vários anos de escolaridade, desde o sétimo ano até ao décimo segundo ano, como pelos docentes desta escola.

5. Desenvolvimento profissional

Diante da velocidade com que a informação se desloca, perante um mundo em constante mudança, o papel do professor vem mudando, nas tarefas de educar, de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária, considerando nessas a importância dos seus diversos saberes.

Um dos principais objetivos de qualquer profissional que pretenda melhorar a sua prática, consiste na procura de meios para ser cada vez mais competente no desempenho da sua atividade. Considero que o desenvolvimento profissional do docente é algo dinâmico, implicando pesquisa

permanente, abertura ao novo e aceitando os desafios de uma escola e sociedade em constante mudança.

Neste sentido, o meu desenvolvimento profissional, durante o Mestrado em Ensino (2009/2011), envolveu diferentes vertentes. Uma dessas vertentes diz respeito às aprendizagens realizadas no contexto do Mestrado em Ensino, o qual permitiu a partilha de experiências e o contributo de diferentes campos de conhecimento, com profissionais da área e com colegas do núcleo de estágio. Esta partilha de experiências foi fundamental, uma vez que a melhoria da nossa atividade, como qualquer outra, passa pela análise do que fazemos, da nossa prática e do contraste com a dos outros.

Paralelamente à frequência do primeiro ano do Mestrado em Ensino foi também a minha colocação como professor de educação Visual, nos sétimos anos de escolaridade, do Agrupamento de Escolas de Borba.

Outras das vertentes foi a prática pedagógica realizada em contexto de sala de aula no âmbito da disciplina PES. Neste sentido, desenvolvi algumas estratégias de autoformação, nomeadamente, leitura de textos decorrentes de pesquisas bibliográficas efetuadas sobre assuntos alusivos à prática educativa, procurando sempre a compreensão dos processos que se produzem nela e aquisição que contribuíssem para o domínio científico sobre os temas tratados nas aulas. Além disso, procurei sempre ter uma prática reflexiva, acerca dos procedimentos utilizados e dos efeitos causados, bem como das metas a atingir e das ações a desenvolver. A par da prática pedagógica em contexto de sala de aula, é de salientar também as atividades extracurriculares. Neste sentido, considero que colaborei com empenhamento na concretização das atividades em que estive envolvido e que as assumi de forma responsável, tendo estas, sem qualquer dúvida, contribuindo para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. É ainda de referir que me permitiram desenvolver ações de cordialidade e de bom entendimento, tanto com o pessoal docente, como o não docente e alunos, possibilitando a troca de informação e a discussão de formas de atuação.

Uma outra vertente que integra o Mestrado em Ensino foram as atividades de carácter formativo. Considero que a formação continua ao longo da carreira docente é muito importante, pois permite a atualização de conhecimentos nas respetivas áreas científicas e teorias de aprendizagem.

Tendo em conta o tempo que foi requerido para a realização do Mestrado em Ensino e o fato de estar a lecionar em Borba, revelou-se difícil ter uma participação mais ativa no que diz respeito à formação profissional. No entanto, sempre que se proporcionou, e considerando a importância da formação, enquanto docente na área do ensino artístico, participei nos seguintes seminários:

- Seminário Innovative Art Curriculum and Portfolio Assessment, dinamizado pela Professora Bick Lam Har, no dia 12 de Maio de 2010, no Departamento de Pedagogia e Educação da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora;

- II Seminário Nacional do Projeto TurmaMais – PMSE, intitulado TurmaMais: das aprendizagens ao sucesso, que se realizou na Universidade de Évora, no dia 8 de Julho de 2011.

Penso que o fato de ter estado a lecionar durante este período também contribui muito em termos de formação profissional.

Conclusões

Apesar de lecionar a disciplina de Educação Visual há já alguns anos, como professor provisório, nesta prática do ensino supervisionada ganhei mais entusiasmo para motivar e incentivar os alunos para a criatividade sem descurar os conteúdos que são próprios da disciplina.

Para além do enriquecimento pessoal e profissional que adveio desta minha formação, reconheço que o meu gosto pelo ensino desta disciplina se renovou e se reforçou, permitindo-me a aquisição de mecanismos de abordagem dos conteúdos mais motivadores e, por conseguinte, mais facilitadores do interesse e aprendizagem dos meus futuros alunos.

A Prática Pedagógica permitiu-me a reflexão sobre algumas práticas, o aprofundar de alguns conhecimentos, a aquisição de novas aprendizagens no domínio da tecnologia e da técnica, bem como o desenvolvimento de novas metodologias de abordagem dos conteúdos. Tudo isto contribuiu para uma nova consciencialização tendente à análise e evolução de situações concretas no âmbito do processo de ensino – aprendizagem.

Acredito que a sala de aula é um cenário propício à investigação e à criatividade onde o aluno deve ser estimulado e motivado a criar constantemente. Estou convicto que ao longo das práticas do ensino supervisionadas proporcionei aos alunos momentos de criatividade, de satisfação, descontração e realização de atividades lúdicas relacionadas com cada disciplina por mim lecionada.

Assim, o grande desafio da prática pedagógica foi promover experiências de aprendizagem capazes de proporcionar a alunos de ciclos de ensino diferentes, a descoberta, a construção do seu conhecimento, o desenvolvimento da sensibilidade estética e a capacidade de criar e exprimir uma relação com o mundo. Ao mesmo tempo que me permitiram a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de competências pedagógicas nos níveis de ensino em questão e a procura e experimentação de metodologias diversificadas e motivadoras para os alunos. Os trabalhos dos alunos não se devem ficar apenas pela expressão plástica tradicional; deve ser promovido o contato com outros tipos de expressão facultando o desenvolvimento cognitivo integral do aluno, dando a possibilidade de alargar a sua imaginação e

criatividade ampliando os seus conhecimentos. É necessário cada vez mais o professor levar os alunos a “*compreender que é o contato com o novo, desconhecido e não familiar que permite alargar a nossa imaginação, os nossos horizontes de visibilidade ou, dito de outro modo, que fomenta a recontextualização, a nossa edificação, o nosso crescimento.*” (Antunes, 2001 p.233)

Atualmente, o professor não se deve limitar somente à transmissão de conhecimentos, o seu papel deve ir mais além disso, este deve facultar aos alunos, aprendizagens de maneiras diversificadas, em diversos lugares, de variadas formas. Para Belmira Santos, “*os professores, ao protagonizarem novas práticas de ensino, promovem novas exigências à organização escolar. Surgem desta forma os professores como agentes de mudança e a escola como centro e motor da mesma [...].*” (Santos, 2007, p. 198) O processo de ensino-aprendizagem deve transformar-se em possibilidades de experimentação, e neste os alunos devem ser ativos e curiosos, aprendendo no contato com as coisas e não apenas através de exposições teóricas. Nesse processo o professor tem um papel fulcral, pois só ele pode promover esse campo da experimentação e de novas aprendizagens.

Como Belmira Santos refere “*ser professor no século XXI requer uma atitude pessoal e profissional de tipo crítico-reflexivo que o leva a repensar e a reajustar o seu desempenho face às situações imprevisíveis e ambíguas da sua prática pedagógica.*” (Santos, 2007, p. 200)

Em conclusão, o trabalho por mim efetuado, foi bastante gratificante pois graças a ele aumentei o meu leque de conhecimentos quer a nível puramente teórico, quer a nível da minha prática letiva. Espero ter conseguido atingir os objetivos dentro das possibilidades que a realidade prática me proporcionou. De qualquer forma, estou consciente de que depus neste relatório todo o meu esforço e empenho, até porque se trata de uma área que me é particularmente grata.

Referências Bibliográficas

- AMADO, J. e FREIRE, I. (2005). *A gestão da sala de aula*. In G. Lobato e S. Bahia (org.). *Psicologia da Educação – Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Lisboa: Relógio D'Ágia Editores.
- ANTUNES, Maria da Conceição. (2001) *Teoria e Prática Pedagógica*. Horizontes Pedagógicos, sob a direção de António Oliveira Cruz, Instituto Piaget, s.l.
- Currículo Nacional do Ensino Básico (2003). Consultado em 30 de maio de 2011: <http://www.dgidec.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>.
- Currículo Nacional Currículo dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias e Artes Visuais de Geometria Descritiva A do 10º e 11º ano (2001). Consultado em 11 de Julho de 2011: http://sítio.dgidec.min-edu.pt/recursos/Lists/Repositorio%20Recursos2/Attachments/235/geometria_de_s_A10_11.pdf.
- DUARTE, A. (2002). *Aprendizagem, Ensino e Aconselhamento Educacional – Uma perspectiva cognitivo-motivacional*. Porto: Porto Editora.
- FERREIRA, Sueli (org.) (2001) – *O Ensino das Artes: Construindo Caminhos*. Papirus. Campinas.
- HERNÁNDEZ, F. (2000). *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: ArtMed.
- MENDONÇA, Alice, BENTO, António. (2008). *Educação em Tempo de Mudança*. 1ªed. Madeira: Grafimadeira.

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Departamento da Educação Básica (s/d). Ajustamento do Programa de Educação Visual 3º ciclo. Lisboa: Ministério da Educação.

- Pacheco, J. (2001). *Currículo: Teorias e Praxis*. Porto: Porto Editora.

- PROJETO EDUCATIVO 2008-2011, Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel-Estremoz. Consultado em 21 de maio de 2011: http://www.esrsi.edu.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=45&Itemid=134.

- READ, Herbert. (2007). *A educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.

- SANTOS, Belmira. (2007). *Comunidade Escolar e Inclusão. Quando todos ensinam e aprendem com todos*. Portugal: Instituto Piaget.


- ROLDÃO, M.C. (2009). *Estratégias de ensino – o saber e o agir do professor*. V.N. Gaia: Fundação Manuel Leão.

- UNESCO (2006) – “*Roteiro para a Educação Artística*”. Edição: Comissão Nacional da Unesco. Website: www.unesco.pt.

- ZABALA, A. (1998). *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed.


Anexos

Tabela 1

 AGRUPAMENTO Nº 2 ESCOLA SECUNDÁRIA RAINHA SANTA ISABEL ESTREMOZ 2010/2011 - Geometria Descritiva A - 10º F (2º turno) Plano de Aula						
UNIDADE DIDÁTICA: "Introdução à Geometria Descritiva" - Recta de Perfil, Alfabeto do Plano, Rectas de Maior Declive e de Maior Inclinação.						29/11/2010 Aula nº32
Competências Gerais	Competências Específicas	Conteúdos Programáticos	Experiências Educativas (Estratégias)	Recursos	Avaliação	Tempo (Minutos)
- Percepção e visualização; - Adquirir vocabulário específico - Saber ter e utilizar correctamente os materiais e instrumentos cometidos ao desenho rigoroso. - Desenvolver a capacidade de visualização mental e representação gráfica de formas reais ou imaginárias	- Adquirir a noção de projecção. - Identificar os diferentes tipos de projecção e os métodos de representação a estudar. - Caracterizar os métodos de representação triédrica e diédrica. - Representar com exactidão sobre desenhos que só têm duas dimensões os objectos que na realidade têm três e que são susceptíveis de uma definição rigorosa	- Recta de perfil - Alfabeto do Plano: (Sua Classificação) - Plano Frontal - Plano Vertical - Plano Horizontal - Plano de Topo - Plano de Perfil - Plano Obliquo - Plano de Rampa - Rectas de Maior Declive - Rectas de Maior Inclinação	- Recolha com os alunos no cacifo da sala de aula, as respectivas pastas e materiais a utilizar na aula; - Realização da chamada;	- Suportes: - Quadro branco; - Folhas A3 (trabalho individual); - Riscadores: /Quadro; - Marcadores; - Apagador; /Trabalho individual: - Lápis; - Lapiseira; - Borracha; - Material de desenho para o quadro e para o trabalho individual: - Régua; - Esquadro;	- Observação direta em aula em todo o processo de trabalho; - Participação	10
			- Exposição da matéria com demonstração, Utilizando: - Pc/ retroprojector - Power point - Entrega de Ficha Formativa e sua Leitura			15
Núcleo de Estágio nº3 Docente Jorge Cachapa						1


Competências Gerais	Competências Específicas	Conteúdos Programáticos	Experiências Educativas (Estratégias)	Recursos	Avaliação	Tempo (Minutos)
			- Resolução de exercícios aplicando os conteúdos da aula; - Correção em grupo dos exercícios realizados/ esclarecimento de dúvidas; - Apresentação de power-point, referenciando alguns lugares arquitetónicos da Escola (fotos) - Arrumação e limpeza;	- Compasso; - Transferidor; ----- - Pc/ retroprojector - Power point ----- - Ficha Formativa	- Participação - Observação direta e execução - Participação - Participação	30 15 10 10
(Material auxiliar) - Grelha de observação de Atitudes/Valores; - Grelha de observação de interesse e participação na aula; - Material indispensável; - Realização de tarefas; - Pontualidade; - Respeito (materiais e regras); - Comportamento;						
Núcleo de Estágio nº3 Docente Jorge Cachapa						2

Tabela 2

		AGRUPAMENTO Nº 2 ESCOLA SECUNDÁRIA RAINHA SANTA ISABEL ESTREMOZ 2010/2011 - Educação Visual – 7º ano, Turma + (4º turno) Plano de Aula				
UNIDADE DIDÁTICA: Módulo, Padrão, Texturas						21/03/2011 Aula nº 53
Competências Gerais	Competências Específicas	Conteúdos Programáticos	Experiências Educativas (Estratégias)	Recursos	Avaliação	Tempo (Minutos)
<ul style="list-style-type: none"> - Adquirir vocabulário específico - Adotar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas aos objectivos visados; - Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável; - Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer os princípios de organização formal da superfície - Analisar a dinâmica (interacção) dos elementos visuais num campo visual. - Desenvolver a sensibilidade em relação às qualidades expressivas da forma - Compreender os conceitos de módulo, padrão e textura. 	<ul style="list-style-type: none"> - Definição de Módulo e suas características - Definição de Padrão e suas características - Definição de texturas e suas características 	<ul style="list-style-type: none"> - Recolha com os alunos no caco da sala de aula, as respectivas pastas e materiais a utilizar na aula; - Realização da chamada; 	<ul style="list-style-type: none"> - Suportes: - Quadro branco; - Folhas A3 (trabalho individual); - Riscadores: - /Quadro; - Marcadores; - Apagador; - /Trabalho individual: - Lápis; - Lapiséira; - Borracha; - Lápis de Cor - Marcadores de Feltro - Material de desenho para o quadro e para o trabalho individual: - Régua; - Esquadro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa em aula em todo o processo de trabalho; - Participação 	10
			<ul style="list-style-type: none"> - Exposição da matéria com demonstração, Utilizando: - Pc/ retroprojector - Power point - Distribuição de Ficha Informativa e sua leitura 			15
Núcleo de Estágio nº3 Docente Jorge Cachapa						1

Competências Gerais	Competências Específicas	Conteúdos Programáticos	Experiências Educativas (Estratégias)	Recursos	Avaliação	Tempo (Minutos)
<ul style="list-style-type: none"> - Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa; - Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a capacidade da geometria em adquirir qualidade expressiva e estética. 		<ul style="list-style-type: none"> - Distribuição de Ficha Formativa e sua leitura - Resolução de exercícios aplicando os conteúdos da aula; 	<ul style="list-style-type: none"> - Compasso; - Transferidor; ----- - Pc/ retroprojector - Power point ----- - Ficha Informativa - Ficha Formativa 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Observação directa e execução da ficha formativa 	40
			<ul style="list-style-type: none"> - Correção em grupo dos exercícios realizados/ esclarecimento de dúvidas; 		<ul style="list-style-type: none"> - Participação 	15
			<ul style="list-style-type: none"> - Arrumação e limpeza; 		<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa 	10
					<ul style="list-style-type: none"> (Material auxiliar) - Grelha de observação de Atitudes/Valores; - Grelha de observação de interesse e participação na aula; - Material indispensável; - Realização de tarefas; - Pontualidade; - Respeito (materiais e regras); - Comportamento; 	
Núcleo de Estágio nº3 Docente Jorge Cachapa						1

Tabela 3



AGRUPAMENTO Nº2 ESCOLA SECUNDÁRIA RAINHA SANTA ISABEL ESTREMOZ
2010/2011
- Geometria Descritiva A -
10º Ano

UNIDADE DIDÁTICA: Módulo Inicial "Introdução à Geometria Descritiva" – Representação Diédrica		Planificação a Médio Prazo
---	--	----------------------------

Competências Gerais	Competências Específicas	Conteúdos Programáticos	Calendarização	
			Blocos	
- Perceção e visualização; - Adquirir vocabulário específico - Saber ter e utilizar corretamente os materiais e instrumentos cometidos ao desenho rigoroso. - Desenvolver a capacidade de visualização mental e representação gráfica de formas reais ou imaginárias	- Adquirir a noção de projeção. - Identificar os diferentes tipos de projeção e os métodos de representação a estudar. - Caracterizar os métodos de representação triédrica e diédrica. - Representar com exatidão sobre desenhos que só têm duas dimensões os objetos que na realidade têm três e que são susceptíveis de uma definição rigorosa.	1. Módulo inicial – traçados geométricos elementares Teste Diagnóstico	3	1º Período 10º F 39 Blocos
		2. Sistemas de projeção - Resenha histórica. Objeto e finalidade. Noção de projeção. Tipos de projeção - Sistemas de representação e caracterização - Introdução ao estudo dos sistemas de representação triédrica e diédrica.	1	
		3. Representação Diédrica 3.1. Ponto - Localização de um ponto; - Projeções de um ponto; - Segmento de recta; - Projeções de um segmento de recta.	5	
		3.2. Recta - Recta definida por dois pontos; - Projeções da recta; - Ponto pertencente a uma recta; - Traços da recta nos planos de projecção e nos planos bissectores; - Posição da recta em relação aos planos de projecção (alfabeto da recta); - Posição relativa de duas rectas.	9	

Núcleo de Estágio nº3
Docente Jorge Cachapa

1

UNIDADE DIDÁTICA: Módulo Inicial "Introdução à Geometria Descritiva" – Representação Diédrica		Planificação a Médio Prazo
---	--	----------------------------

Competências Gerais	Competências Específicas	Conteúdos Programáticos	Calendarização	
			Blocos	
		3.3. Planos - Definição de plano - Rectas contidas num plano - Pontos pertencentes a um plano - Rectas notáveis de um plano - Posição de um plano em relação aos planos de projecção (alfabeto do plano)	10	1º Período 10º F 39 Blocos
		3.4. Figuras planas - Polígonos e círculos horizontais, frontais e de perfil	3/4	
		Testes - Correção e auto-avaliação.	6/7	

Núcleo de Estágio nº3
Docente Jorge Cachapa

1

Tabela 4



ESCOLA SECUNDÁRIA / 3 da RAINHA SANTA ISABEL de ESTREMOZ

Educação Visual 7º Ano Turma +, 4º turno - 2010/2011

Ficha Informativa

(Módulo – Padrão)

Data: 21/03/2011

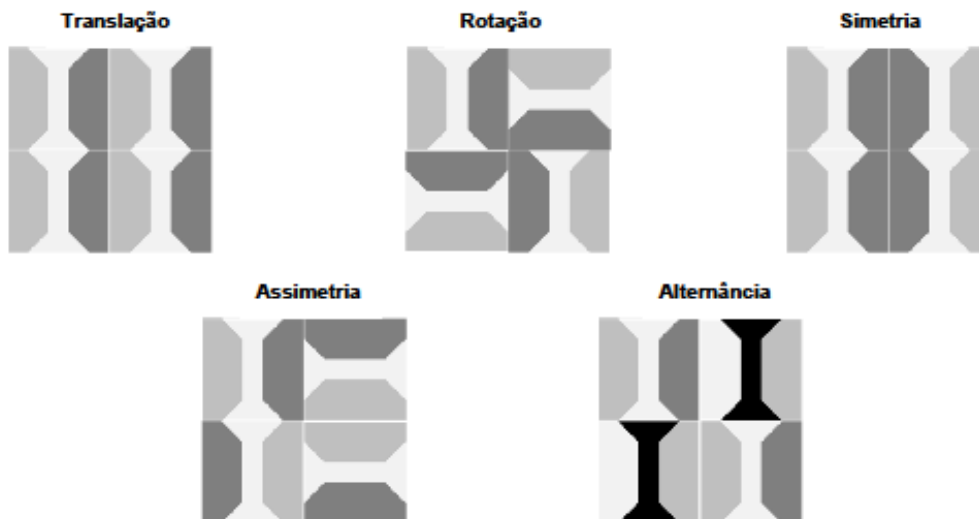
- **Módulo** é um elemento (unidade), natural ou artificial, regular ou irregular, bidimensional ou tridimensional.
- **Padrão** é o resultado da organização formal, de um Módulo segundo uma certa sequência.
- O mesmo **Módulo** origina vários **Padrões**.
- Podemos obter **Padrões** através da **Translação**, **Rotação**, **Simetria**, **Assimetria**, **Alternância**.
- Translação** - É uma repetição (módulo), organizada paralelamente a si próprio.
- Rotação** - É uma repetição (módulo), organizada através de um movimento giratório para a direita ou para a esquerda em torno de um eixo.
- Simetria** - É uma repetição (módulo), organizada, repetindo as mesmas formas de um lado e do outro de um eixo imaginário.
- Assimetria** - É uma repetição (módulo), organizada, não existindo a possibilidade de estabelecer um eixo de simetria na composição.
- Alternância** - É uma repetição (módulo), organizada, alternando módulos ou a cor do mesmo módulo.

Exemplos:

Módulos



Padrões



Núcleo de Estágio nº 3, Docente, Jorge Cachapa

Tabela 5



ESCOLA SECUNDÁRIA / 3 da RAINHA SANTA ISABEL de ESTREMOZ

Educação Visual 7º Ano Turma +, 4º turno - 2010/2011

Ficha Formativa

(Modulo – Padrão - Texturas)

Data: 21/03/2011

Exercício

- Cria o teu Módulo e experimenta-o realizando um Padrão por:
Repetição, Rotação, Simetria e Alternância.

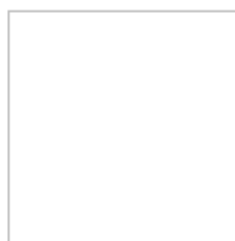


Tabela 6



ESCOLA SECUNDÁRIA / 3 da RAINHA SANTA ISABEL de ESTREMOZ

Educação Visual 7º Ano Turma +, 4º Turno - 2010/2011

Ficha Formativa

(Modulo – Padrão - Texturas)

Data: 21/03/2011

Exercício

- Cria o teu Módulo com algumas texturas.

Bom Trabalho

Núcleo de Estágio nº 3
Docente Jorge Cachapa

Tabela 7

ESCOLA SECUNDÁRIA / 3 da RAINHA SANTA ISABEL de ESTREMOZ

Geometria Descritiva A - 10º F - 2010/2011

Ficha Formativa

(Alfabeto do Plano)

Data: 29/11/2010

EXERCÍCIOS:

1 - Determine os traços, nos planos de projecção, de um plano oblíquo α (alfa), a partir de uma das suas rectas principais:

- O plano contém a recta d , definida pelos pontos A (0; 3; 3) e B (-5; -3; 7);

- d é uma recta de maior declive do plano.

2 - Determine os traços, nos planos de projecção, de um plano oblíquo α (alfa), a partir de uma das suas rectas principais:

- O plano contém a recta i , definida pelos pontos C (2; 3; 4) e D (-3; 1; 7);

- i é uma recta de maior inclinação do plano.

3 - Determine os traços, nos planos de projecção, de um plano vertical β (beta), que faz 55° com x (a.d.).

- Coloque-lhe uma recta horizontal h , pertencente ao plano, com 5 cm de cota;

- Coloque um ponto A , pertencente ao plano, com 2 cm de afastamento negativo.

4 - Determine os traços, nos planos de projecção, de um plano vertical β (beta), que faz 45° com x (a.e.).

- Coloque uma recta horizontal h , pertencente ao plano, com 4 cm de cota negativa.

- Coloque um ponto B com 5 cm de afastamento.

5 - Desenhe o plano de topo θ (teta), que faz 45° com X (a.d.) e intersecta o eixo X no ponto com 3 cm de abcissa.

- Coloque uma recta de topo t , pertencente ao plano, com 3 cm de cota negativa.

6 - Desenhe o plano horizontal v (niu) que tem 5 cm de cota negativa.

- Coloque uma recta fronto-horizontal a , pertencente ao plano, com 4 cm de afastamento negativo.

7 - Desenhe o plano vertical β (beta) que faz 50° (a.e.), com o eixo X , no ponto de abcissa nula.

- Coloque uma recta vertical v , pertencente ao plano, com 4 cm de afastamento negativo.

8 - Desenhe o plano frontal ϕ (fi) que tem 6 cm de afastamento.

- Coloque uma recta frontal a , pertencente ao plano, que faz 30° (a.e.) com o plano horizontal de projecção.

Docente: Jorge Cachapa

Tabela 8

ATITUDES E VALORES/ DESCRITORES - REGISTO DE AULA Nº___; - ___º Período – Turma ___ Ano ___º

N.º alunos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
Não traz o material indispensável à aula																													
Não realiza com qualidade as tarefas propostas na aula																													
Não é pontual																													
Não respeita os materiais e as regras de segurança																													
Perturba o bom funcionamento da aula																													

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3

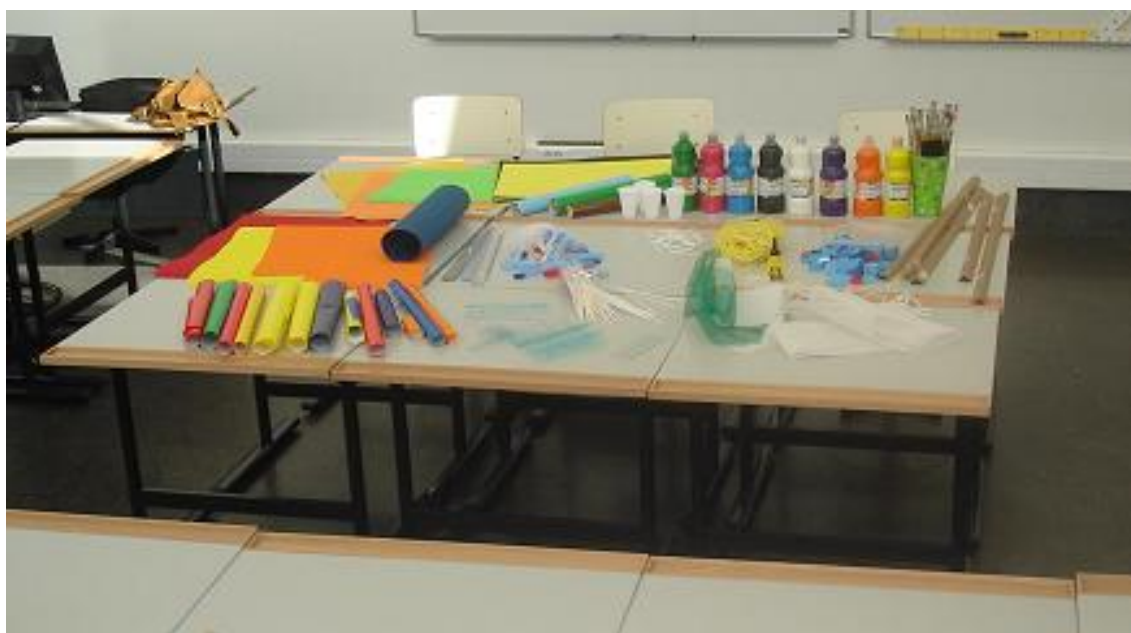


Imagem 4



Imagem 5,6,7,8,9,10,11,12 e 13 – trabalhos realizados pelos alunos

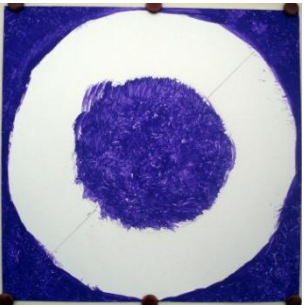


Imagem 14,15 e 16 – trabalhos realizados pelos alunos

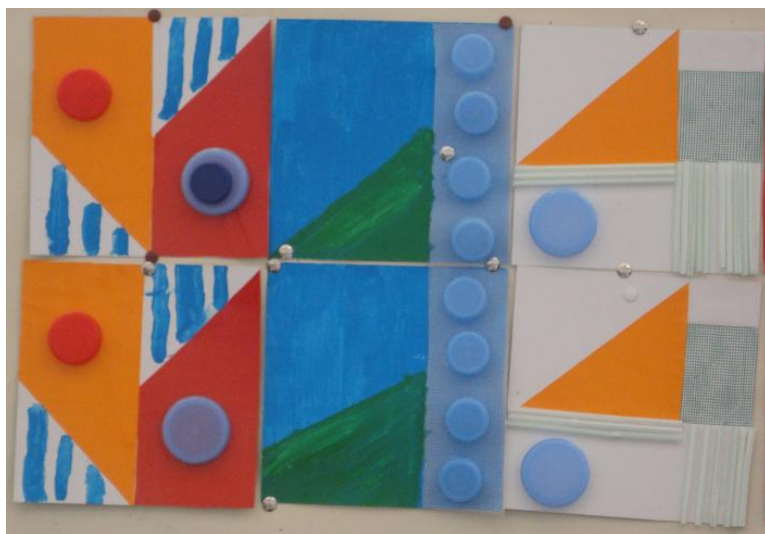
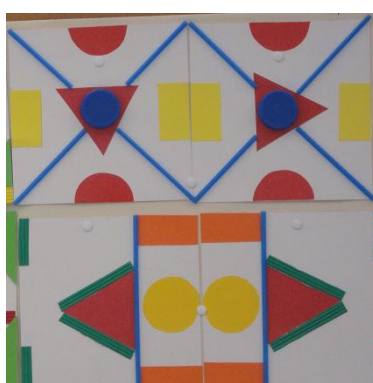
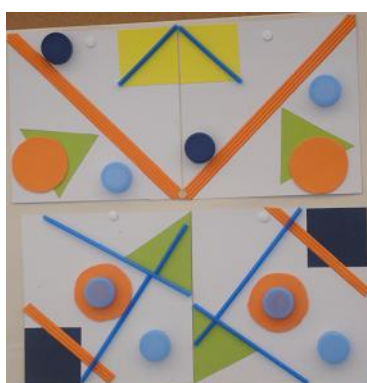
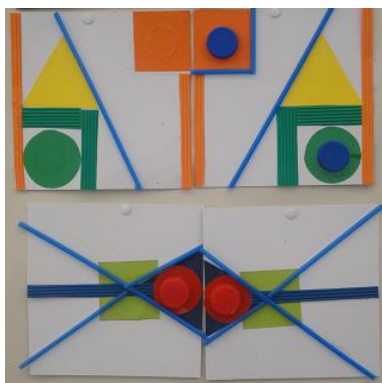


Imagem 17,18 19,20 21 e 22 – trabalhos realizados pelos alunos



HETERÓNIMOS EM

FERNANDO PESSOA

“O Poeta é um Transformador”



“Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram.”

“(…) é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito de vida, (…)” “mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir.”

“Hoje já não tenho personalidade: (...)” “Sou hoje o ponto de reunião de uma pequena humanidade só minha.”

“ Sê Plural como o Universo”

BIBLIOTECA ESCOLAR
Mail: bealmeldagarrette@gmail.com

HETERÓNIMO	HETERÓNIMO
<p>Álvaro de Campos</p> <p>Ode Marítima</p> <hr/> <p>Ah, todo o cais é uma saudade de pedra! E quando o navio larga do cais E se repara de repente que se abriu um espaço Entre o cais e o navio, Vem-me, não sei porquê, uma angústia recente, Uma névoa de sentimentos de tristeza Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas Como a primeira janela onde a madrugada bate, E me envolve com uma recordação duma outra pessoa Que fosse misteriosamente minha. Ah, quem sabe, quem sabe,</p> <hr/> <p>Nasceu em Tavira, em 15 de Outubro de 1890. Fez o Liceu em Portugal e o curso de Engenharia Naval em Glasgow, na Escócia. Alto, magro, tinha o cabelo preto e usava monóculo</p> <p>Poeta sensacionista Predomínio da emoção espontânea Elogio da civilização industrial Angústia existencial</p>	<p>Alberto Caeiro</p> <p>Poema segundo</p> <hr/> <p>O meu olhar é nítido como um girassol. Tenho o costume de andar pelas estradas Olhando para a direita e para a esquerda, E de vez em quando olhando para trás... E o que vejo a cada momento É aquilo que nunca antes eu tinha visto, E eu sei dar por isso muito bem... Sei ter o pasmo comigo Que tem uma criança se, ao nascer, Reparasse que nascera deveras... Sinto-me nascido a cada momento Para a eterna novidade do Mundo...</p> <hr/> <p>Nasceu em Lisboa, em 16 de Abril de 1889 e morreu com tuberculose, na mesma cidade, em 1915. Não teve profissão nem educação literária para além da 4ª classe. De estatura média, era louro e tinha olhos azuis.</p> <p>Recusa a introspeção e a subjectividade Identifica-se com a Natureza É o poeta do real objetivo</p>


HETERÓNIMOS EM	HETERÓNIMO
<p>FERNANDO PESSOA</p> <p>“O Poeta é um Transformador”</p> <div style="display: flex; align-items: center;">  <div style="margin-left: 10px;"> <p>“Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram.”</p> <p>“(...) é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito de vida, (...)” “mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir.”</p> <p>“Hoje já não tenho personalidade: (...)” “Sou hoje o ponto de reunião de uma pequena humanidade só minha.”</p> </div> </div> <p>“Sê Plural como o Universo”</p> <p>BIBLIOTECA ESCOLAR Mail: bea.melinda@netnet@gmail.com</p>	<p>Ricardo Reis</p> <p>Poema</p> <p>Cada um cumpre o destino que lhe cumpre, E deseja o destino que deseja; Nem cumpre o que deseja, Nem deseja o que cumpre.</p> <p>Como as pedras na orla dos canteiros O Fado nos dispõe, e ali ficamos; Que a Sorte nos fez postos Onde houvémos de sê-lo.</p> <p>Não tenhamos melhor conhecimento Do que nos coube que de que nos coube. Cumpramos o que somos. Nada mais nos é dado.</p> <p>Nasceu no Porto, em 19 de Setembro de 1887. Educado num colégio jesuíta, formou-se em Medicina. Era moreno, mais baixo e mais forte que Caeiro.</p> <p>Reflete sobre o fluir do tempo Faz o elogio do epicurismo Faz o elogio do estoicismo</p>

Imagem 26,27,28 e 29



Imagem 30 e 31

EQUIPA

M^o JOÃO CORTES
RITA VALENTIM
SOFIA BRÁS
ANA MARGARIDA LOPES
MANUELA PAPANÇA
HELENA F. MARQUES
JOSÉ BARROSO
CARLA GRAÇA
ASSUNÇÃO RODRIGUES
CÉLIA FORTALEZAS
LISETTE PARREIRA
CIDÁLIA SERVO

LOCAL

GABINETE DE APOIO AO ALUNO
E ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

HORÁRIO

SEGUNDA / TERÇA / SEXTA
- 10.00/12.45 H. – 14.00/18.00 H.
QUARTA / QUINTA
- 10.00/12.45 H. – 14.00/17.10 H.

RUA: PROFESSOR EGAS MONIZ,
7100-125 - ESTREMOZ
E-MAIL: gaaeesrsi.edu.pt



ESCOLA SECUNDÁRIA / 3
DA RAINHA SANTA ISABEL
DE ESTREMOZ

GABINETE DE APOIO AO ALUNO E ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO



OBJECTIVOS

ESCLARECER

AS PRINCIPAIS DÚVIDAS DOS JOVENS E
BUSCAR INFORMAÇÃO NAS ÁREAS DA
SEXUALIDADE, DROGAS, ALIMENTAÇÃO,
SUCESSO ESCOLAR ENTRE OUTRAS.

ORIENTAR/ACOMPANHAR

OS JOVENS PARA AS DIFERENTES TOMADAS
DE DECISÃO AO LONGO DO SEU PERCURSO
ESCOLAR.

DESPISTAR

SITUAÇÕES DE RISCO.

PROMOVER

O SUCESSO ESCOLAR E PREVENIR O
ABANDONO ESCOLAR.

INCENTIVAR

A COLABORAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DOS
ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO COMO
AGENTES ACTIVOS.



MISSÃO

O GABINETE DE APOIO AO ALUNO E
ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO TEM COMO
FINALIDADE PROMOVER O BEM-ESTAR E O
DESENVOLVIMENTO PESSOAL DO
ADOLESCENTE.

É UM ESPAÇO DESTINADO AOS JOVENS COM O
OBJECTIVO DE LHEOS PROPORCIONAR UMA
CORRECTA INSERÇÃO NA VIDA PESSOAL E
ESCOLAR, EM VÁRIAS VALÊNCIAS
(ORIENTAÇÃO, SEXUALIDADE,
TOXICODEPENDÊNCIA...AJUDANDO-OS NA
CONSTRUÇÃO DOS SEUS PROJECTOS DE VIDA.

ESTE É TAMBÉM UM ESPAÇO DEDICADO AOS
ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DE FORMA A
PERMITIR A SUA PARTICIPAÇÃO ACTIVA NO
PROCESSO EDUCATIVO DOS SEUS
EDUCANDOS.



GAAEE – GABINETE DE APOIO AO ALUNO E
ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO
SPO – SERVIÇO DE PSICOLOGIA E ORIENTAÇÃO
APQE – EQUIPA DE APOIO À PROMOÇÃO DA
QUALIDADE EDUCATIVA
PESES – EQUIPA DE APOIO À EDUCAÇÃO PARA A
SAÚDE E EDUCAÇÃO SEXUAL
NEE – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

ESTRATÉGIAS

PRESTAR APOIO PSICO-PEDAGÓGICO AOS
ALUNOS.

REALIZAR AVALIAÇÕES E ACOMPANHAMENTOS
PSICOLÓGICOS.

ATENDER ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO.

DIVULGAR A OFERTA FORMATIVA/EDUCATIVA.

REALIZAR ACTIVIDADES DE ORIENTAÇÃO AO
NÍVEL DO 3^o CICLO (9^o ANO) E ENSINO
SECUNDÁRIO.

ANALISAR SITUAÇÕES DE TOMADA DE
DECISÃO DE 9^o ANO E SECUNDÁRIO, (EX.
ANULAÇÕES DE MATRÍCULA, MUDANÇAS DE
CURSO, RETENÇÕES REPETIDAS, ENTRE
OUTROS).

ESTABELECE PARCERIAS COM INSTITUIÇÕES
LOCAIS.

DESENVOLVER ACTIVIDADES RELACIONADAS
COM A EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE.



Imagem 32

ESCOLA SECUNDÁRIA / 3 DA RAINHA SANTA ISABEL DE ESTREMOZ
ÁREA DE PROJECTO 12^ªA

TIRÓIDE

SINAIS SINTOMAS

APRESENTAÇÃO
10 DE MAIO - 13:55 HORAS
AUDITORIO DA ESCOLA

Trabalho elaborado por: Diogo Carinho, João Pinhal, Luísa Pereira com a colaboração do docente Jorge Cachapa

2010/2011

Imagem 33



25

**Vinte e cinco de Maio
Quarta-feira**

Auditório
13.50 h

Manufactured Landscapes

Jennifer Baichwa
Bélgica
2006

26

**Vinte e seis de Maio
Quinta-feira**

Auditório
13.50 h / 15.40 h

Les Glaneurs
et la Glaneuse

Agnès Varda
2000

Auditório
13.50 h / 15.40 h

Manufactured Landscapes

Jennifer Baichwa
Bélgica
2006

Escola Secundária / 3 da Rainha Santa Isabel de Estremoz

Auditório

2011